

jesus cristo

liberta e une





Quem é esse Jesus que Liberta e Une?
ROBERT McAFEE BROWN

Professor de Estudos da Religião na Universidade de Stanford, Califórnia. Conhecido autor de livros. Dirige cursos sobre as raízes ecumênicas da Teologia da Libertação e na Escola de Religião de Berkeley, Califórnia.

(Página 2)

Para que Salvem a Terra
CHARLES BIRCH

Professor de Biologia e Diretor da Escola de Ciências Biológicas da Universidade de Sidney, Austrália. Da Igreja Metodista. Embaixador e Conselheiro.

(Página 20)

Para que o Mundo Cria
MORTIMER ARIAS

Líder Cristão e Ministro Metodista. Até há pouco tempo foi Bispo da Igreja Metodista na Bolívia. Nossa Editora publicou de sua autoria Salvação Hoje.

(Página 34)

CEI SUPLEMENTO 14 - MAIO - 1976

Registrado de acordo com a
Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Domício Pereira de Mattos

REDATOR

Carlos A. C. da Cunha

CONSELHO REDATORIAL

Carlos R. Brandão
Elter D. Maciel
Jether P. Ramalho
José Sotero Caio
Marlene R. Campante
Rubem A. Alves

IMPRESSÃO

Princeps Gráfica e Editora Ltda.
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
do CEI

Assinatura anual: Cr\$ 60,00
Cheque pagável no Rio de Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
20.000 RIO DE JANEIRO, RJ

Preço do exemplar avulso:
Cr\$ 5,00

Biblioteca - Koinonia

() Cadastrado

() Processado

Estranhos homens de estranhas idéias, de tradições étnicas, políticas e religiosas tão diversas estiveram lá no Quênia, a fim de proclamarem que JESUS CRISTO LIBERTA E UNE.

Cerca de uma centena e meia de nações representadas no que de mais expressivo têm das vivências do cristianismo contemporâneo. Ao lado de grandes igrejas nacionais seculares, outras pequenas e jovens. Reunidas as tradições anglicana, luterana, calvinista, congregacional e pentecostal. Até mesmo católicos romanos, observadores, mas participantes.

Por que estranhos homens? Que de estranho e assustador teve esse encontro o qual nossa grande imprensa mal cobriu? Só poderia ser o seu — para muitos — estranho tema sobre Alguém que LIBERTA E UNE e esse Alguém não foi nem vai ser um César qualquer, mas um que se chama JESUS CRISTO.

“Quem é esse Jesus?...” é a pergunta-título de McAfee, uma conferência de várias vozes que gritam, contestam, afirmam, queixam-se — os gritos de nosso século, de raças, de nações, de povos, escancarados gritos de dor ao peso dos grilhões (e disseram que ele LIBERTA), ao suplicio do ódio (será que ele UNE?).

O movimento ecumênico nasceu sob a inspiração de um apelo missionário. A desunião era, e ainda é, a grande barreira à proclamação do Evangelho. Mortimer Arias, tentando conjugar as vozes de Bangcoque (Salvação Hoje) e as de outro encontro (Lausanne) quer afirmar precisamente isso.

O Dr. Birch, um cientista, ergue sua voz para denunciar uma Terra que está sendo dizimada em suas fontes de vida pela loucura institucionalizada de uns poucos fortes que a tornam escrava de seus caprichos. Sua voz: “Para que salvem a Terra.”

Estranhos homens-profetas! Mas que linda sua afirmação: JESUS CRISTO LIBERTA E UNE.

Tem sido esta a síntese de nosso trabalho, neste CEI, neste SUPLEMENTO, nestas publicações, nestes anos. É nossa fé e nosso motivo-guia.

Este nosso número faz eco às vozes de Nairóbi. Entre várias escolhemos três, porque foi encontro, além de internacional, eclesiástico, muito significativo. Sentimos necessário divulgá-lo, o que já fizemos noutras publicações. Divulgar apenas, fiéis a uma linha de pensamento que, no entanto, é jornalística também. Somos também repórteres deste material sem dúvida valioso. Analisar, discutir, conhecer ficam com você.

Este número reúne temas de uma Conferência para a reflexão que todos nós fazemos. Concordamos com tudo o que dizem? concordará você? A resposta tem que ser tanto nossa como sua. Entretanto a proclamação de um JESUS QUE LIBERTA E UNE permanece. É nossa constante e só.

Quem é esse Jesus Cristo que Liberta e Une?

Temos a obrigação de ouvir antes de proclamar,
saber o que está sendo dito pelo judeu,
pelo hindu, pelo marxista, pelo humanista, e acreditar
que nós podemos aprender deles, ao invés de presumirmos
que só eles devem, e exclusivamente, aprender de nós.

Robert McAfee Brown

DIANTE de nós a conhecida passagem de Mateus na qual Jesus coloca seus seguidores diante de duas perguntas acerca do que ele é. Omitiremos os versos que falam das "chaves do reino", não porque não sejam importantes, mas porque são importantes demais para serem aqui tratadas rapidamente.

A PASSAGEM DE MATEUS

Consideremos a colocação desta passagem. Ela é feita no final do ministério público de Jesus. As coisas não estavam indo muito bem, então Jesus e seus seguidores deixam a Galiléia e vão para o Norte, para Cesaréia de Felipe, a fim de avaliar o tipo de resposta que receberiam e pensar acerca do futuro. É uma hora de crise! Ouçamos:

"Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Felipe perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem João Batista, outros Elias e outros Jeremias ou algum dos profetas." (Mateus 16:13-15).

Voz: Sim, Jesus, nós cremos que tu és um dos profetas, um precursor. Estás preparando o caminho — como Elias, como Jeremias, como João Batista. Fala em julgamento para o complacente e trazes esperança ao desamparado. A Palavra de Deus está claramente nos teus lábios.

Outra voz: (quase interrompendo a primeira): Mas tu não és aquele por quem esperamos. Nós necessitamos um Deus de poder e tu és fraco. Precisamos de um líder com força de atração e além de jovem, tu és de uma vila sem importância. Precisamos de alguém para enfrentar Herodes e tu te preocupas com pescadores. Precisamos de alguém para ajuntar todas as nações debaixo do seu próprio domínio e tu estás preocupado apenas com ovelhas perdidas da casa de Israel. Não, não és aquele por quem esperamos; além do que ainda nos fazes mais pressurosos pela vinda dele.

Uma voz pensativa: Teu sonho é bonito, Jesus. Amor, perdão, virar a outra face. Mas é apenas sonho, não realidade. Isso não funciona. Nunca funcionou e não funcionará. Vivemos em um mundo duro e penoso. O povo não vai tolerar o teu sonho. Darão ódio em troca de amor. Matá-lo-ão se persistires e o teu sonho morerá contigo.

Voz: ...e mesmo que o teu sonho perdure, teus seguidores o transformarão num pesadelo. Usarão as tuas palavras para denunciar os seus opositores. Usarão a promessa do Céu para negar a importância da Terra. Transformarão tua cruz numa espada. Devastarão e matarão — tudo em teu nome.

Uma voz de mulher: Jesus, como posso eu te aceitar como Messias quando a Igreja que te tem por Messias nega o valor da minha feminilidade? Sinto-me excluída quando teus filhos proclamam a "irmandade do homem". As minhas irmãs e a mim

só são concedidos cargos de menor importância na Igreja de teus seguidores. A certeza de que eu também sou feita à imagem de Deus é negada e Deus descrito como apenas masculino. Parece-me blasfemo o ato de teus seguidores negando inteira capacidade pessoal a mais da metade de teus filhos só porque são mulheres.

Voz: Eu sou um judeu e participo da esperança original messiânica. Através dos séculos meu povo tem perguntado: "Que é preciso para fazer da vinda do Messias uma realidade?" Olho para os séculos atrás e vejo meu povo massacrado. Olho para os séculos vindouros e continuo a vê-lo ainda massacrado e muitas vezes pelos teus seguidores. Então tenho um problema e uma rixa com Deus: se o mundo está ainda tão cheio de maldade por que o Messias não vem? Mas os teus seguidores, Jesus, têm um problema também: se o Messias já veio, por que o mundo continua tão cheio de maldade? Dize-me apenas isto: Como pôde ter existido um Auschwitz num mundo que redimiste?

Uma voz de mulher: Eu estou numa prisão latino-americana. Tenho sido torturada por causa do meu trabalho a favor da libertação do meu povo. Meu marido levou um tiro e aos meus filhos foi dito que eles devem me repudiar. Se não o fizerem serão presos. E, então, serão evidentemente torturados também. O que eu quero saber, Jesus, é onde estás enquanto eu estou na prisão?

"E vós — perguntou Jesus, quem dizeis que eu sou?" Simão Pedro respondeu: "Tu és o Messias, o Filho de Deus Vivo." (Mat. 16:15-16).

Vozes (em coro): Credo in unum Dominum Jesus Christum. Filium Dei unigenitum. Et ex Patre natum ante omnia saecula. Deum de Deo. lumen de lumine, Deum Verum de Deo Vero. Genitum, non factum, consubstantialem Patri, per quem omnia facta sunt... Eu creio... em um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado do Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus. Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, gerado, não feito, sendo da mesma substância do Pai, por quem todas as coisas foram feitas...

Voz: Tu és meu redentor pessoal, lavaste meus pecados com o teu próprio e precioso sangue, dando tua vida por mim miserável pecador, para que eu pudesse viver novamente. Eu era escravo do pecado e agora sou inteiramente teu e esta é a única verdadeira liberdade.

Voz: "Minha interpelação... é que na própria vida de Jesus é encontrada a chave da sua semelhança com Deus. Ele expressou como nenhum outro o espírito e a verdade de Deus. É neste sentido que eu o vejo e o reconheço como Filho de Deus." (Gandhi)

Voz de mulher: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma associação de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Escrituras e, em consequência disto, procuram realizar juntas a sua vocação comum para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo."

Voz: "Deus se deixa ser arrastado do mundo para a cruz...

Cristo nos ajuda, não pela virtude da sua onipotência, mas pela virtude da sua fraqueza e sofrimento... A Bíblia nos dirige para a fraqueza e sofrimento de Deus; só o Deus sofredor pode ajudar... O homem é chamado a participar no sofrimento de Deus nas mãos de um mundo sem Deus." (Bonhoeffer. **Cartas e Papéis da Prisão**, 16 e 18 de julho de 1944).

Voz: Minha experiência e a experiência do povo da África a quem sirvo como ministro, é que Jesus é nosso Salvador. Existem muitos temores e perigos que nós experimentamos antes que ele entrasse em nossas vidas — medo dos espíritos malignos que assombram nossas florestas, medo da dor e da doença, medo do desconhecido que se esconde nas trevas. De todas estas coisas ele nos tem libertado. O amanhã não nos traz mais terror porque Deus está presente conosco.

Voz: Tu me fortaleces pela tua constante presença nos sacramentos da Igreja. Quando estou com fome me alimentas com o pão da vida, teu verdadeiro corpo, quebrado por mim. Quando estou fraco me fortificas com o vinho da vida, o próprio sangue que foi vertido por mim. Ao iniciar de minha vida fui bem recebido na tua casa terrena com a purificante água do batismo. e ao fim da minha vida serei também recebido na casa celestial.

Voz de mulher: Eu vejo tua face na face dos oprimidos. Ouço a tua voz na voz dos pobres. Vejo tua ação na ação daqueles que lutam para quebrar as correntes da escravidão. Quando eu os procuro eu os encontro, pois descubro que já estás no meio da luta deles pela libertação de tudo que os acorrenta — racismo, imperialismo, divisão de classes,

sexismo, violência institucionalizada. Onde quer que haja gente trabalhando pela total dignidade da pessoa humana, ali te encontro trabalhando também.

Voz de mulher: Não sei como falar teologicamente a teu respeito, Jesus. Não sei o que significa dizer que és “consustancial com o Pai”. Tudo que sei é que quanto mais eu tento escapar de tua presença, tanto menos me deixas ir. Eu nego o teu nome e descubro que tu não me negas nunca. Eu me esqueço, mas continuas te lembrando de mim. Eu te deixo seguramente dentro da Igreja, mas descubro que estás também fora da Igreja. Eu afronto os teus ensinamentos, mas descubro que me tens perdoado. Muitas vezes eu desejo que me deixes em paz, mas sei que se me deixasses eu estaria completamente perdida. Se é isto que significa chamar-te de Cristo, então, por certo, tu és o Cristo para mim, o Filho do Deus vivo.

Voz: “Numa sociedade que define negrura como mal e branquidão como bem o significado teológico de Jesus é encontrado na possibilidade da libertação humana pela negrura. Jesus é o Cristo negro... Cristo negro... porque e só porque Cristo realmente entra em nosso mundo onde o pobre, o desprezado, o negro estão descobrindo que ele está com eles, suportando suas humilhações e dores e transformando escravos oprimidos em servos livres... a “negrura de Cristo”, em consequência, não é simplesmente uma declaração acerca da cor da pele, mas a afirmação transcendente de que Deus nunca, nunca deixa o oprimido sozinho na sua luta. Ele estava com os oprimidos no Egito de Faraó, está com eles na América do Norte, África, e América Latina e virá no final dos tempos para consumir inteiramente a libertação huma-

na deles.” (Cone, “Uma Teologia Negra de Libertação”, p. 215; Deus do Oprimido, pp. 135-137).

Voz de Pedro: Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo.

Então Jesus lhe afirmou: “Bem-aventurado és Simão, filho de Jonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus.” Desde esse tempo, começou Jesus a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: “Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá.” (Mat. 16:17, 21, 22).

Voz de Pedro: Ir para Jerusalém, Senhor?!... Não. Senhor, isso seria uma completa loucura. O único lugar para o qual nós não podemos ir neste exato momento é Jerusalém. É época da Páscoa e as autoridades romanas estão de “olho para apanharem a algum arruaceiro.” Não, por enquanto devemos ficar aqui onde estamos seguros. Mais tarde, quando as coisas se acalmarem, nós poderemos ir a Jerusalém.

Voz: Senhor, Pedro acabou de fazer uma declaração de que tu és o Messias, o Cristo, o Filho de Deus. Nós outros estamos de acordo com ele. Nós também acreditamos que tu és aquele que vai redimir Israel. Mas certamente não será com sofrimento e morte! Isto não é papel de Messias. Tua missão é estabelecer o Reino de Deus, e consumir o Reino, e isso é o oposto de sofrer e morrer.

Voz: Ninguém participará de um movimento cujo líder irá morrer, e que convida os seus seguidores a participarem da mesma sorte. Povo não participa de movimentos para sofrer e morrer... Eu tenho acreditado em ti de todo o meu coração até este exato momento. Mas se é para isto que tu nos

queres conduzir, eu não estou muito certo de continuar acreditando.

Voz de Pedro: Eles estão absolutamente certos, Senhor. Messias não sofre. Conquista. Os céus proibem que tu sejas levado a morrer. Tal coisa jamais deve te acontecer.

Então Jesus, voltando-se para Pedro disse: "Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropeço,

porque não cogitas das coisas de Deus e, sim, das dos homens." (Mat. 16: 23).

REAÇÕES INICIAIS À PASSAGEM

Está tudo um pouco confuso, não é verdade? Nós perguntamos "Quem é esse Jesus?" e somos confrontados por uma variedade difusa de respostas: Jesus é "consustancial com o Pai", Jesus é um lutador pela liberdade, Jesus é um profeta, Jesus é uma presença sacramental. Jesus é um idealista utópico, Jesus é negro, Jesus é o homem para outros, Jesus é um salvador pessoal. Tanto os não-cristãos como os cristãos se debatem com a pergunta, "Quem diz o povo que eu sou?". Mahatma Gandhi, Albert Camus, Ché Guevara, William Faulkner, Roger Garaudy. E nossos companheiros cristãos propugnam com a pergunta: "Quem diz você que eu sou?" trabalhando em situações diferentes que requerem nuances diferentes: John Mbiti, Hélder Câmara, Beyers Naudé, Kosuke Koyama, César Chavez, Jürgen Moltmann.

De fato pode haver alguma confusão que nos faz sentir aborrecidos com Deus! Certamente Deus poderia nos ter dado uma revelação mais clara, sem tan-

tas ambigüidades! Até os próprios discípulos de Jesus, bem no centro dos acontecimentos, não entenderam bem o que estava acontecendo. E se era difícil para eles, quanto mais para nós, dois mil anos mais tarde, com nada mais de que alguns documentos em um dialeto que ninguém mais fala. Certamente Deus poderia nos ter dado mais ajuda do que esta.

Entretanto nós devemos ser antes encorajados, ao invés de desencorajados, pela diversidade das respostas. Claramente este Jesus não pode ser confinado por nenhuma fórmula teológica ou outra qualquer. Ele salta fora de todas as pequenas caixas nas quais nós tentamos prendê-lo. Assim que nós o tenhamos definido, para a nossa própria satisfação, logo alguém nos interrompe. "espere um minuto, você se esqueceu de algo"... E nós vamos descobrir, por certo, que nos esquecemos. Como diz o quarto evangelho: "Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio que nem

no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.” (João 21:25). Não devemos nos preocupar quando nossas respostas se apresentarem com diferentes ênfases. Devemos nos preocupar, sim, quando forem idênticas, pois isso significaria que teríamos prendido o Cristo vivo dentro de uma fórmula. Tomemos de coração o fato de que sempre que os seguidores de Jesus tentaram isto, ele sempre achou um meio de saltar fora daquelas cadeias de limitações. Dizer com Pedro, “Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”, não significa o ponto final sobre a matéria, mas somente o começo de um exame contínuo sobre o que aquela resposta traz em si. Por isso devemos pensar juntos apenas nas muitas respostas que nós damos a ele, mas também nas duas perguntas que ele dirige a nós.

A RELAÇÃO ENTRE AS DUAS PERGUNTAS

A primeira pergunta é: “Quem os outros dizem que eu sou?” O que você tem ouvido pela cidade? Inicialmente podemos sentir que esta não é pergunta ameaçadora. Podemos lidar com ela. Há procedimentos apropriados: podemos nomear uma comissão, entrevistar pessoas, compilar listas de respostas, publicar relatório e, por fim, promover uma conferência para discutir o relatório. Mas se realmente nos dispusermos a ouvir

aquelas respostas elas podem começar a nos ameaçar, pois nos lembrarão que as nossas respostas não são as únicas possíveis, e devem levar em conta as outras conflitantes que outras pessoas dão. **Temos a obrigação de ouvir antes de proclamar**, saber o que está sendo dito pelo judeu, pelo hindu, pelo marxista, pelo humanista e acreditar que nós podemos aprender deles, ao invés de presumirmos que só eles devem, e exclusivamente, aprender de nós.

Somente, após termos ouvido as respostas à primeira pergunta, Jesus coloca à nossa frente a segunda: “Muito bem, e você quem diz que eu sou? Qual é o seu veredito?”

Vamos demorar um pouco mais com esta pergunta: Jesus está querendo saber de nós, é claro, o que nós pensamos dele, mas está também **forçando-nos a nos examinarmos a nós mesmos**. “Quem sou eu a quem esta pergunta está sendo feita?” Se o “eu” é um negro africano, as nuances da resposta serão diferentes das de outro “eu” que seja um branco africano; se o “eu” está na prisão, a resposta não será idêntica à do “eu” que trabalha num campus universitário; se o “eu” é uma mulher, não será a mesma de um “eu” que seja homem. Por isso ao ouvirmos uns aos outros precisamos, até onde for possível, durante toda esta assembléia, saber tudo sobre o “eu” que está

Quando eu os procuro eu os encontro pois descubro que já estás no meio da luta deles pela libertação de tudo que os acorrenta — racismo, imperialismo, divisão de classes, sexismo, violência institucionalizada. Onde quer que haja gente trabalhando pela total dignidade da pessoa humana, ali te encontro trabalhando também.

respondendo. Precisamos compreender, além disso, que o "eu" que responde à pergunta será mudado, por duas razões: primeira, por se encontrar com Jesus que está fazendo a pergunta e, segunda, por se encontrar com outras pessoas que estão dando a resposta. Cada dia em Nairóbi estaremos confrontando a pergunta de Jesus "Quem dizem que eu sou?" e cada dia estaremos ouvindo respostas diferentes das nossas. O nosso próprio entendimento mudará. Respostas que hoje não estamos levando muito a sério terão que ser levadas a sério na próxima semana, ao sermos forçados a dividir mais amplamente nossas experiências, perguntas, ansiedades e respostas. É tanto ameaçador como libertador o descobrir que nossa compreensão de Jesus, assim como nossa compreensão de nós mesmos será mudada dentro do contexto. Pode ser ainda mais ameaçador e libertador descobrir que o processo não irá parar quando terminar Nairóbi: precisamos levar nossas novas percepções, resoluções e desafios de volta a Tóquio, Constantinopla, Jakarta, Kiev ou Waukesha e manter a continuidade do processo.

A LIMITAÇÃO DAS NOSSAS PERSPECTIVAS

Ao começarmos aquele processo, seria desonesto para mim ignorar o fato de quem sou — ou pelo menos o que eu simbolizo — o que dá a muitos de vocês um certo desconforto, preocupação e talvez até zanga. É uma importante parte do nosso agarrar-nos com as perguntas de Jesus, enfrentando-as abertas e honestamente.

Pelo menos sob quatro aspectos inerentes a vocês, vocês mesmos terão razão para se inquietarem. Eu sou um **branco**, em um mundo que é injustamente dominado por brancos, falando num

país negro para uma assembleia predominantemente não-branca. Eu sou um **homem**, em um mundo dominado por homens de forma que tem sido destrutiva para muitas se não a maioria das mulheres. Eu sou membro de uma **classe** relativamente opulenta em um mundo que é oprimidamente pobre e que é manipulado pela minoria opulenta. E, por último, eu sou **cidadão** dos Estados Unidos da América em um mundo onde as nações tanto grandes quanto pequenas estão lutando para se libertarem da dominação política, econômica e militar dos Estados Unidos. Deste modo eu simbolizo (embora eu espere que pessoalmente não personifique) as várias formas de opressão que muitos de vocês, em nome do Evangelho, estão lutando para vencer: racismo, sexismo, classismo e imperialismo.

É a minha identificação final que se torna a mais difícil ao ser posta perante vocês. Eu amo o meu país e estou profundamente envergonhado dele. Estou envergonhado particularmente do que ele tem feito e continua a fazer a muitos dos países que vocês representam. Se você é do sudeste asiático, sua terra e sua família podem ter sido destruídas pela mais feia das invenções humanas, o bombardeiro B-52 da Força Aérea Americana. Se você é da América Latina, você pode ter amigos a família que estão passando fome porque empresas americanas os exploram economicamente, ou você pode ter amigos e familiares que sejam prisioneiros políticos, sendo torturados por técnicos da polícia que aprenderam com a nossa polícia.

Não vou continuar a litania da vergonha, muitos de vocês podem recitá-la com mais sentimento e detalhes do que eu. Mas devo reconhecer que o que ela descreve tem sido terrivelmente

destrutivo para muitos de vocês; e eu espero que vocês possam crer que, de maneira diferente mas muito profunda, tem sido para mim também. Não estou afirmando que toda opressão procede de Washington, ou que viver no terceiro mundo é automaticamente estar dotado de virtude. Sabemos que as coisas não são assim tão simplistas. Mas isto é para dizer que todos nós devemos levar a sério a admoestação de Jesus que nos manda ver primeiro a trave em nossos olhos antes de nos concentrarmos no argueiro que está nos olhos de alguém. Se nós tivermos a coragem de nos declararmos libertados por Cristo para fazermos disto o fundamento de Nairóbi, esta Assembléia terá alcançado seu objetivo.

O IMPERIALISMO DA LINGUAGEM

Eu tenho afirmado que o imperialismo, quer político, econômico, militar ou (vamos dizer também neste encontro) eclesiástico, pode ser destrutivo. Mas existe outro imperialismo do qual estou muito consciente hoje, o imperialismo da **linguagem**. O povo dos Estados Unidos aceita automaticamente que o inglês é a verdadeira "língua ecumênica". Isto pode ser uma vantagem para nós, mas é uma desvantagem para a grande maioria de vocês, para quem o inglês não é a língua materna. Mesmo as três línguas regularmente usadas pelo Conselho Mundial de Igrejas — inglês, francês e alemão — representam uma forma de imperialismo do hemisfério norte, lingüísticamente explorando o terceiro mundo.

Eu nada poderei fazer com relação ao imperialismo político, econômico, militar ou eclesiástico nesta próxima meia hora, mas eu quero fazer algo, simbolicamente pelo menos, no que

diz respeito ao imperialismo lingüístico. Não há razão para que as concessões de língua devam sempre partir de vocês. Então — como um símbolo do meu desejo de entrar em mais íntima solidariedade com minhas irmãs do terceiro mundo, e, especialmente da América Latina, onde tanto mal tem sido feito com a cumplicidade e, muitas vezes, com ativo envolvimento do meu governo, — eu pronunciarei o resto deste discurso em espanhol. Pelo menos durante estes momentos deixem-me ser o chamado "dependente", o "subdesenvolvido", o "empobrecido", pois na verdade eu nem mesmo fui competente para fazer minha própria tradução; ela teve que ser feita para mim. Irei tropeçar e pronunciar mal, mas se minha razão para trocar de língua for entendida, muito mais do que realmente conta será comunicado pelo vacilante espanhol do que seria pelo inglês sem falhas. Então se vocês, os que são delegados de língua inglesa, fizeram apenas esta vez o que os delegados de língua não-inglesa fazem sempre — colocar os fones nos ouvidos e virar o botão para o canal competente — compreenderão a razão desta alternativa... nós continuaremos...

(O resto da conferência foi pronunciada em espanhol).

O PROBLEMA DE PEDRO E O NOSSO

Quem é este Jesus que liberta e une? Vamos nos colocar nós mesmos no lugar de Pedro. O napel de Pedro no episódio é assustador. Primeiro ele é o herói — o único que dá a resposta certa à pergunta. "Quem dizem vocês que eu sou?" Mas um momento mais tarde é o vilão; o que fala em nome de Deus se

torna naquele que fala em nome do diabo. **Pedro sabia as palavras certas, mas não sabia o que elas significavam.**

Existe um episódio no começo do ministério de Jesus, no qual seus ouvintes, da mesma forma, sabiam as palavras certas, mas não sabiam o que elas significavam (Lucas 4:16-30). Jesus foi à sinagoga em Nazaré e leu a passagem de Isaías na qual se diz que as boas-novas serão pregadas aos pobres, que os cativos serão soltos, os cegos recuperarão a vista e os oprimidos serão libertados (Isaías 61:1-2). Jesus disse aos seus ouvintes que aquelas palavras tinham sido cumpridas e que a era messiânica já havia chegado. E qual foi a reação dos discípulos de Jesus ao anúncio temeroso de que as coisas estavam sendo viradas de cabeça para baixo? Eles ficaram encantados! Lucas nos conta que "todos falavam bem dele e maravilhavam-se das palavras que procediam de seus lábios" (Lucas 4:22). Não estavam nem um pouco amedrontados. Conheciam as palavras da passagem tão bem que não percebiam que boas-novas aos pobres só poderiam ser más novas para gente bem alimentada como eles; que soltura de presos só noderia ser uma ameaça para carcereiros e juizes; que libertação para os oprimidos só poderia significar más notícias para os opressores. Conheciam as palavras mas não conheciam o significado.

E, exatamente como ele fez em Cesaréia de Felipe, aqui também teve que deixar de lado as confortáveis perspectivas dos discípulos. Durante período de fome em Israel, ele lembrou, Elias foi enviado por Deus não aos filhos de Israel, mas a uma viúva de Sidom, uma estrangeira! Havia leprosos em Israel e Elias foi enviado por Deus não aos israelitas, mas a Namã, da Síria, outro estrangeiro! O poder de Deus para curar estava sendo oferecido a outros povos, não a eles.

E aí está a razão por que ficaram irritados. Não por ouvirem as palavras familiares, mas porque Jesus mostrou que as palavras familiares e tranquilizantes tinham implicações seríssimas, eram muito mais palavras de ameaça do que de conforto. Quando ouviram isto, o encantamento tornou-se em rancor e tentaram atirá-lo do penhasco.

Vamos então, aprender destes exemplos bíblicos **que nós podemos saber bem as palavras e no entanto perder o seu significado**, e que, mais provavelmente, perdemos o significado porque nos fixamos nas interpretações que nos são mais favoráveis e que não nos fazem nenhuma exigência.

Assim ao lidarmos com a pergunta. "Quem é esse Jesus que liberta e une?" vamos ouvir particularmente as respostas que inicialmente mais nos assustam, em lugar de nos tranquilizarmos com aquelas com as quais já estamos familiarizados. Se sua resposta focaliza Jesus como salvador pessoal, então esteja preparado para compreender esse Jesus libertador cuja mensagem social ameaça todas as seguranças humanas que você tem como garantias. Se Jesus o revolucionário é quem lhe dá agora esperanças, então ouça

também o Jesus que lhe faz lembrar que o mal não está personificado apenas nas estruturas sociais opressivas, mas também em cada coração humano — não apenas do opressor malvado mas também no seu próprio coração.

TRÊS REIVINDICAÇÕES

Entre as muitas reivindicações que têm sido feitas acerca de Jesus, em quais delas devemos focalizar nossa atenção? O tema da nossa Assembléia nos oferece alguma direção. O tema da Assembléia de Evanston descreveu Jesus como a **Esperança** do mundo. Nova Delhi o descre-

veu como **Luz** do mundo, e Upsala o descreveu como o que faz **Novas** todas as coisas. Nairóbi descreve Jesus como o que liberta e une — Jesus, o libertador, Jesus, o unificador. Como vou sugerir no decorrer deste trabalho, eu creio que nós não podemos verdadeiramente colocar estas reivindicações juntas, a menos que estejamos dispostos a inserir entre elas a reivindicação de que Jesus é também aquele que divide. A medida em que Jesus nos **liberta** é exigido de nós que encaremos as **divisões** em potencial que a libertação traz consigo, de tal sorte que possamos ir em direção da verdadeira **unidade**. Vamos explorar estas três reivindicações.

PRIMEIRA

Jesus o Libertador

Chamar Jesus de o libertador estreita um pouco o nosso campo de indagação, mas fica ainda imensa margem de reflexão. **De que** Jesus nos liberta e **para que** nos liberta? Não preciso elaborar algumas das respostas sobre as quais podemos nos deter. Tem sido a experiência cristã prova de que Jesus nos liberta de muitas coisas: da ira de Deus, da Lei, do pecado, da morte, do medo, da ideologia, do racismo, dos opressores, da fome, etc. E tem sido também a experiência cristã prova de que Jesus nos liberta para muitas coisas, tais como: para o amor, para a inquietude, para o sofrimento, para o prazer, para a coragem, para o vizinho, para o inimigo, para uma nova sociedade, para os frutos do Espírito.

Não poderemos falar sobre todos estes itens. Algumas escolhas arbitrárias terão que ser feitas e eu devo fazê-las. Devo

assumir que podemos ter como garantias a libertação que Jesus traz na área da nossa vida pessoal; já sabemos algo sobre isto ou então não estaríamos aqui. Devo assumir também que reconhecemos como falsa a divisão entre um evangelho para o indivíduo e outro para a sociedade. Então vamos ver ainda três coisas acerca de Jesus o libertador:

1. Negativamente, **ele nos liberta das falsas seguranças com as quais procuramos garantir nossas vidas**. Coloca-nos dentro de uma desconfortável e exclusiva exigência: temos que prestar obediência a ele em primeiro lugar. Só depois disto é que podemos manter fidelidade a alguém ou a qualquer outra coisa. Aquelas outras lealdades, que até o presente foram exigidas de nós, tornam-se inadequadas e conseqüentemente falsas. Elas

não libertam. pelo contrário, destroem, particularmente quando construídas no contexto das estruturas da nossa sociedade.

Tomemos as formas de opressão em nossa sociedade, mencionadas atrás, racismo, sexismo, classismo, imperialismo. Elas não libertam, escravizam. Escravizam não apenas aqueles a quem são impostas como aqueles que as impõem. Se procuro segurança na **brancura** da minha pele, vou descobrir que Jesus não nos ama por causa da cor da nossa pele e que a cor da pele não confere nenhum privilégio especial à vista de Deus. Se eu procuro segurança em meu **machismo**, dizendo a mim mesmo que “este é um mundo de homens” e que só os homens devem tomar decisões, descubro que em Cristo não há “nem homem nem mulher” e que não há lugar para dominação sexista. Se eu procuro segurança em minha **situação de classe**, tentando apoderar-me dos benefícios de pertencer à classe mais privilegiada, descubro que a mensagem de Jesus é endereçada centralmente ao pobre e que minha tentativa do uso dos privilégios sociais muito mais impede do que favorece o cumprimento da doutrina do Cristo em minha vida. Se procuro segurança na minha **cidadania** estadunidense, descubro que **são nações** que Cristo tem chamado a julgamento (Mat. 25:32) e dentro do seu testamento nós temos alimentado os famintos? vestido os nus? visitado os doentes? — não só a minha nação, mas todas as nações têm sido postas à prova e achadas em falta. Negativamente, então, fidelidade a Jesus o libertador pode livrar-me da submissão àqueles falsos núcleos de segurança.

2. Positivamente, ele nos liberta para a possibilidade de ver o mundo através de outros olhos

que não os nossos. Proponho esta frase como expressão “não teológica” equivalente para a palavra teológica “conversão”. Ele nos dirige para uma fundamental mudança de direção, de tal modo que a preocupação do “outro” possa se tornar a nossa própria preocupação.

No meio das coisas que permanecem obscuras para mim, uma pelo menos permanece crescentemente clara: Existe hoje uma convergência entre a visão bíblica de Jesus como Libertador e o grito de libertação dos povos oprimidos. Para os dias de hoje “ver o mundo através de olhos que não sejam os nossos” simplesmente significa ver através dos olhos do pobre e do desprovido. Quando a história de Jesus e a história da opressão humana são postas lado a lado elas se casam. São simplesmente versões diferentes da mesma história. O grito do faminto é abafado. O grito do explorado política e economicamente é esmagado. O grito dos que estão no cárcere sob tortura é abafado. O grito de pais que sabem que seus filhos estão destinados à destruição é ensurdecido. Nós não podemos estar reunidos na África, e é claro, não podemos estar reunidos em lugar nenhum, e fechar nossos ouvidos àqueles gritos humanos. Pode ser que haja necessidade de outras ênfases em outros pontos da história cristã, quando falamos de Cristo como o libertador, mas eu estou persuadido (e espero que esta Assembléia esteja também) de que para esta hora e este lugar, a reivindicação de Jesus para libertar e o grito por liberdade dos povos oprimidos convergem e não podem ser separados.

O povo hoje está em cadeias — não apenas as cadeias da culpa pessoal, da inadequacidade e da vergonha, mas também as cadeias forjadas por aqueles que

têm todo o poder a abusam dele, cadeias forjadas por aqueles que negam liberdade para todos menos para eles mesmos, cadeias forjadas por aqueles que usam sistemas políticos e econômicos para seu próprio uso e destroem povos e continentes inteiros nesse processo.

Gustavo Gutierrez tem sublinhado este ponto de maneira muito viva. Ele reconhece que existe importante forma de testemunho cristão que alcança o **não-crente**, aquele para o qual crer em Deus se tornou difícil ou quase impossível num mundo como este. Ele insiste, entretanto, que o problema para os cristãos do terceiro mundo não está em como alcançar os não-crentes mas sim os “despersonalizados” — os quais o mundo ignora ou os usa e esmaga, e então descarta, marginaliza; pessoas cujo grito não é apenas por comida mas por compreensão. Seus gritos simplesmente não são ouvidos. Não podemos falar sobre a liderança de Jesus Cristo ou do reconciliante amor de Deus, ou do significado da cruz, ou de Jesus libertador, a menos que o grito dos “despersonalizados” seja coisa central que nós ouvimos a menos que o mundo assim estruturado possa ser visto por nós através dos olhos deles.

Onde está o imperativo do evangelho para isto? Tomemos apenas uma parte do grito, o grito por alimento, e reconheçamos que o grito tem que ser ouvido em relação com a agricultura, economia, controle populacional, uso dos recursos energéticos e o mais. Lembremos que, no meio de toda essa complexidade, Jesus disse que “nem só de pão”, sem que com isso pretendesse dizer que nós vivemos sem o pão. Não só isso, suas histórias sobre o reino de Deus são repletas de imagens sobre alimentos, festas e ban-

quetes para os pobres e desprovidos e até mesmo agiu de maneira surpreendente para garantir a seus seguidores o suprimento de pão: permitiu-lhes quebrar a lei do sábado e colher o trigo no campo. Quando falava a uma grande multidão e chegou a hora do alimentarse, não disse ao povo que o alimento para o espírito era suficiente; foi às últimas consequências para garantir àquela gente o alimento para o corpo — pão e peixe. E quando quis deixar aos seus discípulos a mais clara lembrança possível da sua pessoa que se despediria deles, que foi que deixou? Deixou-nos o alimento dizendo que para estarmos certos da sua presença devemos comer e beber. Chego mesmo a crer que o equivalente moderno da advertência paulina, acerca do abuso desta refeição por “comer e beber sem discernir”, (I Cor. 11:27-29) é estar a dividir esta refeição com Jesus e ao mesmo tempo negar alimento a milhões de seus filhos, ou mesmo a um de seus filhos.

Ele nos liberta para que vejamos o mundo através de outros olhos que não os nossos, e neste dia e nesta época isto significa empenhar-se para ver o mundo da perspectiva do pobre, do faminto do desprovido.

3. Não basta, entretanto, ver algo; devemos agir também de acordo com o que nós vemos. Assim, isto vem significar uma terceira coisa: Jesus não apenas nos liberta de falsas obediências para que possamos ver o mundo através de outros olhos que não os nossos, **mas também nos liberta para a luta** em favor desses “outros” que são os pobres e desprovidos.

Permitam-me tentar sugerir algumas das coisas que isto teria que significar para mim: só você pode determinar o que pode

significar para você. Desde que o evangelho deixa claro que nós não podemos nos acomodar com um mundo dominado pela "minoridade branca", e me ajuda a ver o mundo através de olhos de "não brancos", eu posso ser libertado para lutar por um mundo no qual a minoria branca não mais terá poder fora da proporção que lhe é adequada. Desde que o evangelho deixa claro que nós não podemos nos acomodar a um mundo dominado pelo "machismo" e me ajuda a ver o que a dominação masculina tem feito às mulheres, eu posso ser libertado para lutar por um mundo no qual o meu masculinismo não mais garanta certos empregos ou privilégios negados à mulher. Desde que o evangelho deixa claro que nós não podemos nos acomodar com um mundo dominado pelo abastado, e me ajuda a ver as consequências destrutivas de um sistema no qual 6% da população do mundo consome 40% dos recursos mundiais, eu posso lutar por um mundo no qual o meu próprio padrão de vida terá de ser significativamente abaixado ao trabalhar na direção de distribuição mais equitativa dos recursos do mundo pelo reestruturamento dos nossos sistemas políticos e econômicos. Des-

de que o evangelho nos deixa claro que nós não podemos nos acomodar com um mundo dominado pelos Estados Unidos (ou qualquer outra nação) e me ajuda a ver quão brutais são as tentativas para controlar os destinos de outra nação, eu posso lutar por um mundo no qual a minha nação não será mais a número um, um mundo no qual o explorado trabalhador chileno será levado mais em conta do que os lucros de uma corporação americana, um mundo no qual "napalm" não será mais instrumento de pressão diplomática. Eu não farei aquelas coisas muito bem. É muito mais fácil falar delas num pódium em Nairóbi, Quênia, do que pô-las em ação na Califórnia, Estados Unidos. Mas parte da libertação que elas buscam descrever é a libertação que passa a ser parte da comunidade apoiadora que é a Igreja, e é regozijante descobrir que não estamos sozinhos em tais esforços. Nós temos que apoiar, desafiá-lo e incitar uns aos outros na nossa obediência comum à instruidora Palavra de Deus, personificada em Jesus, que nos promete libertar não apenas de angústias internas, mas também das estruturas opressivas fora de nós.

SEGUNDA

Jesus, aquele que divide

É isto, é claro, significa que Jesus Cristo não apenas liberta. Ele também divide. Isso é por demais surpreendente. Certamente respondemos que "é Satanaz aquele que divide, não Jesus." Divisão por amor à divisão deve, é claro, ser trabalho do demônio. Não vamos deixar de lado tão rapidamente a realidade de que, por modos diferentes, Jesus é também o que divide. Consideremos:

Comprometimento de dedicação a Jesus Cristo separa os cris-

tãos da maior parte da família humana que não assume o mesmo compromisso. Ele nos separa dos colegas seculares com os quais nós trabalhamos: dos nossos amigos judeus com os quais em outro sentido, compartilhamos de muitas coisas; dos hinduístas, muçulmanos, budistas, marxistas e humanistas. Isto é simplesmente um fato da nossa experiência humana.

O fato de que Jesus divide não é, entretanto, fato sociologicamente descritivo. Sempre foi a

realidade do evangelho, desde o começo. Lembremo-nos de alguns versículos que têm-se apagado de nossa mente: "Eu vim para lançar fogo sobre a terra... supondes que eu vim para dar paz a terra? Não, eu vo-lo afirmo, antes a divisão" (Lucas 12:49,51). Na passagem paralela a metáfora é até mais forte: "Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada" (Mateus 10:34). Jesus diz que por causa dele o homem será lançado contra seu pai, a filha contra sua mãe, que nossos inimigos serão encontrados dentro dos nossos lares (Mateus 10:35,36). Mostramos a divisão entre virgens prudentes e imprudentes, ovelhas e cabritos, perdidos e achados.

Tais divisões continuam a ser vistas entre seus seguidores. O que tenho dito de Jesus como libertador já me separou de alguns de vocês que acham que estou traindo o evangelho por tornar Jesus muito político. E ainda, pessoas sentadas na outra fila, ao lado de vocês, podem estar achando que eu não fiz Jesus bastante político e que estou muito condicionado pelas categorias burguesas para entender o sentido total da libertação. Nós nos acharemos divididos aqui em Nairóbi pelas aplicações do evangelho de Jesus nos problemas de racismo, evangelismo, ecumenismo, sexismo. Os defensores da salvação pessoal não estarão de acordo com os que defendem salvação como processo político; os que aceitam a salvação social não hão de admiti-la privatizada.

Existe ainda outro meio pelo qual Jesus é aquele que divide, pois como vimos no seu sermão de Nazaré, as boas-novas que ele traz para um grupo são, inicialmente pelo menos, más-novas para o outro grupo. Se a mensagem libertadora de Jesus

é boa-nova para o pobre, ela significa que os ricos deverão perder alguma coisa. Se escravos são libertados, os donos de escravos são ameaçados. Se os que estão no cativeiro são libertados, aqueles que os mantiveram no cativeiro devem ficar de sobreaviso.

Vamos enfatizar este ponto: Cristãos na América Latina frequentemente proclamam a mensagem da libertação no contexto da história do Êxodo: Se as boas-novas são aquelas que dizem que Deus libertou os israelitas oprimidos do poder dos antigos faraós, então Deus deve ser capaz de libertar os oprimidos de hoje do poder dos modernos faraós. E isso dificilmente será boas-novas para os faraós modernos.

Quem são esses faraós modernos? São as oligarquias locais, as pequenas minorias que têm traído seu povo. São também aqueles que têm apoiado as oligarquias locais com dinheiro, armas, racionalização intelectual da injustiça, e técnicas sofisticadas de torturas. Muito desse tipo de apoio vem, é claro, dos Estados Unidos e de outras nações poderosas. Então, se esta é boa-notícia para os sul-americanos — que Deus promete libertá-los dos faraós modernos —, só pode ser "má-notícia" para os norte-americanos. Descobriremos então que, de acordo com o cenário do Êxodo, muitos

de nós estão servindo na corte de faraó e que Faraó está condenado à ruína.

Coloque-se em tal cenário. Eu sei que isto me separa de muitos irmãos e irmãs sul-americanos, que me vêem como opressor. Isto me divide também da maior parte dos meus irmãos e irmãs norte-americanos, que rejeitam tal análise enfaticamente e sen-

tem-se ultrajados, especialmente por ser esta análise feita como exposição do evangelho. E isto me separa de Deus e de Jesus Cristo — pois se a análise é correta, eu estou, quer queira quer não, do lado errado, em luta na qual Deus tem claramente tomado posição do lado do oprimido, do pobre, do miserável. Jesus é aquele que divide.

TERCEIRA

Jesus o Unificador

Finalmente, Jesus é o unificador. Jesus não veio **“para todos serem devididos, veio “a fim de que todos sejam um”** (João 17: 21). E isto deve ser dito por último, como está sendo feito agora, em lugar de ser dito no começo. Pois se for dito muito rapidamente poderá ser subestimada a realidade da divisão e a unidade que proclama tornar-se superficial. Durante a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, por exemplo, nós descobrimos que “negros e brancos juntos” teriam que dar passagem por algum tempo ao “Poder Negro” e uma insistência por parte dos negros, que eles deveriam trabalhar somente com negros. Semelhantemente, as mulheres têm descoberto que elas precisam se encontrar por algum tempo, sem a presença masculina, para que possam aprender umas das outras como trabalhar para sua própria libertação.

Pode ser que muitos de vocês do terceiro mundo não possam realmente confiar em gente do primeiro ou segundo mundo; enquanto alguns críticos nos Estados Unidos pensam que o Conselho Mundial de Igrejas tem sido infestado pelo marxismo, vocês podem temer que ele tenha sido infiltrado pela C.I.A.! Inversamente, alguns de vocês da América do Norte ou da Europa podem sentir que os cris-

tãos do terceiro mundo são muito radicalizantes em sua condenação da cumplicidade da Igreja com o capitalismo ou o militarismo. É importante e crucial para nós sermos capazes de tomar consciência e agir em face de tais sentimentos nesta Assembléia.

Tais atitudes entretanto, jamais serão aceitas dentro da comunidade cristã a não ser em caráter transitório. Pois o significado de Jesus é que ele finalmente nos liberta desse tipo de comportamento. Se ele é provisoriamente o que divide, ele não o é em caráter definitivo. Ele é o unificador.

O mundo ao nosso redor exhibe divisões mais profundas, talvez as mais profundas de toda a história humana. Nações levantam espadas contra nações; recursos da terra e povos da terra são igualmente explorados; lâminas de arado são transformadas em espadas; os “que têm” tomam dos “que não têm” — e a triste litania prossegue. E nós, cristãos acrescentamos a estas divisões outras divisões nossas — as divisões entre católico e protestante; ortodoxo e pentecostal; luterano e calvinista; anglicano e congregacional. Estas divisões serão objeto de estudo em outros setores desta Assembléia. Vamos acentuar agora as divisões que são a preocupação central de toda a família humana:

as divisões entre preto e branco, norte e sul, rico e pobre, esquerda e direita, homem e mulher, opressor e oprimido. Que tarefas estas realidades depositam em nossas mãos, encontrando-nos em um mundo no qual estas divisões são também nossas e reunidos em nome de Jesus Cristo que não apenas liberta e divide, mas também unifica?

Eu penso que a tarefa é clara. Temos que demonstrar que fomos suficientemente **libertados** para ir além das nossas **divisões** e começar a personificar a **unidade** para a qual Jesus Cristo, o unificador, nos acena.

Isto é fácil de falar e difícil de executar. Mas, por causa daquilo que Jesus Cristo significa para nós, é algo que precisamos tentar. Na passagem de Mateus com a qual nós começamos, Jesus diz a seus discípulos que eles deveriam ir a Jerusalém para sofrer e morrer. Ele faz exatamente isto, expondo-se a si mesmo para a última divisão e separação, que reside nos poderes do pecado e da morte. Suporta o total peso do ataque e eles o destroem. Mas é a nossa fé que sabe que a história não acaba aí, e que encarando esses inimigos, ele os subjugou, pois até

Não percebiam que boas-novas aos pobres só poderiam ser más-novas para gente bem alimentada; que soltura de presos só poderia ser uma ameaça para carcereiros e juizes; que libertação para os oprimidos só poderia significar más notícias para os opressores.

como foi prometido, no terceiro dia Deus o levantou dos mortos. Aqui está a nossa promessa de que se encararmos a divisão e a separação, acharemos que além da separação e divisão está a consoladora unidade, pois Jesus nos atrai a sermos um com ele e em consequência a sermos um com os outros, assim como ele é atraído a ser um com o seu Pai.

Como poderemos nós aqui e agora iniciar nossa caminhada além das nossas divisões em direção a esta espécie de unidade? Existe um só caminho e nós sabemos o que isto envolve. Envolve confissão e arrependimento diante de Deus e de uns diante dos outros. Nos dias pela frente isto envolverá o compartilhamento de uns com os outros no risco, oficial ou extraoficialmente, individual ou comporativamente, esperando ser ouvidos e aceitos, preparados, se necessário, para suportar a repulsa pacientemente, acreditando que, mais cedo ou mais tarde o poder curador do Cristo ressuscitado possa nos alcançar e desfazer as terríveis divisões que presentemente nos espantam.

Você terá que decidir sobre o significado disto para você. Para mim envolverá a confissão do meu desejo de ser perdoado pelos irmãos e irmãs que foram vitimados pelo sistema que me tem beneficiado — chicanos, negros, asiático-americanos, índios americanos do norte, do sudeste asiático que foram vítimas da mira dos bombardeios americanos, da América Latina, África e o resto da Ásia, que foram alvos da coerção política e econômica originada na minha terra, as mulheres de todo mundo, cujas vidas como mulheres foram distorcidas pela maneira irrefletida e cruel que temos vivido como homens.

Não é minha tarefa dizer-lhes que pecados vocês devem con-

fessar, mas devo sugerir que qualquer que seja o rumo que esta Assembléia tome, confissão e perdão mútuos serão caminhos importantes de atingirmos uma resposta a Jesus Cristo o unificador. Além do **arrependimento** comum pode surgir o início de uma **obediência** comum que nos leve mutuamente a prometermos lutar juntos para destruir ambas atitudes, as de dentro e as estruturas de fora que perpetuam o mal que precisamos erradicar. Com estes passos em direção uns aos outros nós poderemos começar a personificar de maneira mais total a unidade da qual falamos com tanta facilidade.

Isto seria importante não apenas para nós aqui em Nairóbi, mas também para aqueles que não estão aqui. Quando Jesus orou "para que todos fossem um" ele prosseguiu "para que o mundo possa crer". Imaginem o que poderia significar se fosse possível dizer de nós aquilo que foi dito na Igreja primitiva, "Veja como esses cristãos se amam uns aos outros" (Epístola de Diognetus). Eu tenho um alvo para esta Assembléia: é que nós podemos ser suficientemente libertados por Jesus Cristo para reconhecer nossas divisões e trabalhar através delas, qualquer que seja o conflito ou ameaças necessários, em direção a um novo degrau da unidade de uns para com os outros, a fim de que nós possamos ser, mesmo que imperfeitamente, um microcosmo, demonstrando tais coisas como as seguintes: apesar de eu ser cidadão dos Estados Unidos e você ser cidadão do Vietnam, não obstante ambos somos, em primeiro lugar, cidadãos do Reino de Deus; apesar de ser eu membro da raça branca e

você ser membro da raça negra, não obstante somos antes de tudo membros da raça humana, família de Deus; apesar de ser eu homem e você mulher, ambos somos, antes de tudo, feitos à imagem e semelhança de Deus, parte daquela criação que Deus viu "que era muito bom" (Gên. 11:27,31).

Apontar tais realidades não é diminuir o imperativo para mudanças básicas nas estruturas de nossas vidas que nutrem e sustentam divisões. É de fato colocar mais alto este imperativo, pois ele nos lembra que não precisamos estar restritos a estas estruturas e que em consequência elas são maleáveis às nossas necessidades. Nós nunca devemos esquecer que o evangelho defende claramente o fato de que não importa quão profundas sejam nossas divisões, a graça curadora de Deus pode nos atingir através delas.

Portanto, a nota final do evangelho não é divisão ou ambigüidade ou tensão ou condenação. É alegria. Não alegria obtida pela ignorância daquilo que vemos claramente indo por este mundo arqueado e sangrado, mas alegria recebida por reconhecer que em adição ao que claramente vemos acontecer por aí, algumas outras coisas também estão acontecendo. Ao olharmos para o mundo, ele parece ser apenas o mundo despedaçado da Cruz — amor derrotado. Para a maioria das pessoas, como diz Ignazio Silone, "Na sagrada história da humanidade na terra é ainda, infelizmente, Sexta-Feira Santa" (prefácio do livro, **E ele se escondeu a si mesmo**). Para muita gente **não para todos**... pois os cristãos ao ver a sexta-feira santa no pior é começar a ver também no melhor. Pois

é a nossa fé, que parece derrotada, que se transforma em vitória, pois é o pior que Deus pode transformar no melhor. É assim que Deus está trabalhando no nosso meio paciente e poderosamente para realizar o seu propósito divino em nós. Em espantosa frase tomamos conhecimento de que Jesus. "em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz" (Hebreus 12:2). É na luz da fé na ressurreição que nós também podemos afirmar aquele gozo e, desta forma, continuar a enfrentar o mundo que parece ser somente o mundo da cruz, "atribulados porém não angustiados, perplexos porém não desanimados" (II Cor. 4:8). A nossa é uma fé pascal que nos liberta para responder ao chamado de Deus para participar da luta divina a fim de que os filhos de Deus sejam libertados, nós também seremos libertados, e desta forma unidos com Deus e uns com os outros.

UMA NOVA AFIRMAÇÃO

Certas afirmações têm dominado as Assembléias passadas do Conselho Mundial de Igrejas. Na Assembléia inicial de Amsterdã em 1948, os delegados afirmaram: "Nós pretendemos **permanecer** juntos". Em Evanston, em 1954, eles afirmaram: "Nós pretendemos **crescer** juntos".

Eu sugiro a vocês uma afirmação para Nairóbi, 1975: "Nós pretendemos **lutar** juntos" — não apenas lutar honestamente uns contra os outros, os que estão aqui reunidos, mas também começar uma luta juntos em favor de todos os filhos de Deus que não estão aqui reunidos, até (e mais especialmente) os desumanizados, **o mais infimo** dos irmãos e irmãs de Jesus Cristo, nosso Senhor (Mat. 25:40).

Em Amsterdã, 1948 :

"NÓS PRETENDEMOS PERMANECER JUNTOS!"

Em Evanston, 1954 :

"NÓS PRETENDEMOS CRESCER JUNTOS!"

Eu sugiro para Nairóbi, 1975 :

"NÓS PRETENDEMOS LUTAR JUNTOS!"

Para que salvem a terra

O movimento de libertação abrange a libertação da mulher, do homem, da ciência e da tecnologia, dos animais e das plantas, do ar e dos oceanos, das florestas, dos desertos, das montanhas e dos vales.

Charles Birch

A legenda de um cartum, ao pretender resumir as contraditórias opiniões sobre crescimento populacional, esgotamento de recursos, deterioração de ambiente e pobreza mundial, assim se expressava: "Podemos, um dia, esgotar as reservas de alimentos, as reservas de combustível, e até mesmo o próprio ar. Teremos que aprender a viver assim!" Não há dúvida de que o brontossauro dizia o mesmo, enquanto caminhava para a extinção de sua espécie. O problema daquele animal era não ter capacidade de adaptação. Nossa civilização tecnológica assemelha-se a um brontossauro, completamente inadaptado às exigências da sobrevivência. Somente através da adaptação poderemos evitar o trágico destino do brontossauro.

Primeiro, devo esclarecer o significado do termo: ameaças de extinção. O brontossauro não se extinguiu do dia para a noite, muito menos pelo contrário: houve, sem dúvida, um lento declínio de sua capacidade de vida, através de milênios; enquanto isso, outras espécies iam desaparecendo. Por fim, desapareceu o último brontossauro na terra. É este o sentido que atribuo às ameaças para a sobrevivência do homem na face da terra: elas implicam no declínio da qualidade da vida para largos setores da humanidade. Os pobres sofrem mais do que os outros seres, mas há graves perigos para populações inteiras e,

em última análise, a ameaça recai sobre a totalidade da raça humana. É neste sentido que, atualmente, o problema está sendo discutido no âmbito do Conselho Mundial de Igrejas.

Afirmo que não há mais lugar na Terra para o tipo de sociedade que estamos construindo, com a ajuda da ciência e da tecnologia, visto que estão predominando no processo os caracteres autodestrutivos. Kenneth Galbraith afirma que "a maneira como aplicamos a tecnologia é excessivamente perigosa, podendo resultar no custo de nossa própria existência". Precisamos enfrentar decididamente este problema: podemos ou não, exercer controle sobre nós mesmos e sobre a tecnologia que criamos? Como tenho dúvidas a respeito da resposta a essa indagação, não consigo decidir-me: a longo prazo, a ciência e a tecnologia constituirão benefício evidente para a humanidade? É verdade que uma minoria de pessoas foi por elas beneficiada, e que o potencial científico e tecnológico poderá melhorar a qualidade de vida de todos os homens, como tentarei demonstrar mais adiante. Até o presente momento, tem sido considerável o desgaste cultural, ecológico e humano que tanto ciência como tecnologia têm imposto à humanidade. Tanto benefício como prejuízos têm sido distribuídos de forma desigual e injusta. A maneira como vivemos atualmente tem algo de profundamente errado.

O livro de Gênesis, no capítulo 1.º, versículo 28 apresenta três orientações para este tema. Primeiro, "sede fecundos e multiplicai-vos". Estamos cumprindo esta ordem. Segundo,

"dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra". A ciência e a tecnologia estão cumprindo esta tarefa. Terceiro, "enchei a terra". Neste ponto, estamos falhando.

O mundo em que vivemos deverá prover às necessidades de vida de seus quatro bilhões de habitantes, no mínimo; portanto, é o próprio mundo que precisa ser poupado. Será que estamos preparados para pagar o preço da redenção da Terra, em termos de uma revolução de valores, estilos de vida, metas econômicas e políticas e até mesmo na natureza da ciência e tecnologia que utilizamos? Ou continuaremos dentro do círculo expresso por Fausto: viajar agora, pagar depois? Infelizmente, a viagem é curta. Já chegou a hora do pagamento.

AMEAÇAS À SOBREVIVÊNCIA

O mundo assemelha-se ao transatlântico Titanic, rumando para a colisão. O iceberg à nossa frente tem partes visíveis, à flor d'água: a deterioração do ambiente através do esgotamento de recursos naturais, poluição e, como consequência, a deterioração da qualidade de vida. As enormes partes submersas do iceberg são as estruturas sociais, políticas e econômicas, junto com a confusão espiritual a respeito dos objetivos da vida.

O desastre somente poderá ser evitado pela mudança de rumo. Os líderes políticos e econômicos estão dançando no convés e o rumo ainda não foi modificado. Os otimistas no terreno da tecnologia insistem em dizer que os grandes saltos tecnológicos mantêm a crise à distância,

sob controle. No entanto, há alguns problemas que não podem ser solucionados pela ciência e tecnologia. Temos que lutar contra o iceberg, na sua totalidade: a parte que vemos e a que não vemos.

O Conselho Mundial de Igrejas começou a se preocupar com a totalidade desse problema, em seus aspectos científico, econômico e político — o que tem servido de encorajamento para muitos cientistas e para mim mesmo. Fazemos votos para que o esforço prossiga, depois destes poucos anos de trabalho preliminar. Há muito a fazer, antes que as igrejas comecem a demonstrar que estão levando a sério os problemas que enfrentamos.

Na qualidade de cientista, tenho mais conhecimentos sobre a parte visível do iceberg — e sobre isso falarei, inicialmente. Existem cinco pontos visíveis, destacando-se no iceberg, cinco ameaças físicas à sobrevivência da humanidade. Ei-las: explosão populacional, escassez alimentar, escassez de fontes combustíveis fósseis não renováveis, deterioração do ambiente e guerra.

Não tenho a intenção de apresentar aqui uma documentação quantificada dessas ameaças, uma a uma. Por enquanto, basta-nos um quadro geral, que, a passos largos, nos aproxima dos limites extremos de crescimento impostos a uma superfície limitada.

Desconhecemos o número de peixas a mais que a Terra poderá sustentar. Sabemos que nos aproximamos do limite, se é que já não o ultrapassamos; é o crescimento mais rápido da história da Terra, com a taxa inacreditável de um bilhão de pessoas nos próximos 15 anos. Este continente africano, com 400 milhões de habitantes, dentro de 20 anos será habitado por 800

milhões de pessoas. A terra, que representa o sustento de vida dos africanos, está-se desgastando rapidamente, através da aplicação de métodos insatisfatórios de cultivo e do avanço do deserto. Essa marcha à ré é mais rápida do que as extensões de terra que começam a produzir.

Desconhecemos a quantidade de alimento que a Terra tem capacidade de proporcionar a seus habitantes. Em 1975, porém, 300 milhões de pessoas se nutriam de apenas dois terços de suas necessidades mínimas de proteína. No ano 2010, esta cifra será de um bilhão, no mínimo. O produto da pesca mundial, que em 1970 atingira um ponto culminante, não tem deixado de declinar, desde então. Alguns especialistas atribuem esse declínio à combinação de dois fatores: pesca predatória e poluição.

A quantidade de alimentos de que a humanidade necessita está distribuída de forma desigual. Se essa distribuição fosse equitativa, todos os seres humanos teriam uma dieta adequada. Uma das maiores injustiças nesse setor consiste na "drenagem de proteínas" dos países pobres para os países ricos, mesmo em situações de calamidade e fome. Segundo o Relatório Anual do Banco Mundial, em 1974, no Mali, durante as secas de 1967-73 os alimentos de consumo doméstico diminuíram em cerca de dois terços; enquanto isso, aumentava a exportação de sementes, especialmente amendoim, destinados a países ricos.

Os recursos naturais de combustíveis fósseis e outros minerais não renováveis representam um campo cujas reservas não podemos avaliar exatamente. Sabemos, porém, que está havendo escassez de gás e que o consumo de energia no mundo

duplica, de onze em onze anos. Os dez maiores países industriais consomem 75% dos recursos energéticos mundiais, cabendo aos Estados Unidos 35% desses gastos. De onde virá o potencial de energia suficiente para cobrir esse aumento de consumo? Os especialistas discutem e divergem: por que continuar a construir mais usinas nucleares, antes da solução de problemas tais como proteção contra sabotagem e roubo, ou métodos de estocar lixo atômico durante milhares de anos? Haverá sabedoria nisso tudo? Muitos de nós acreditamos que a multiplicação de projetos de usinas nucleares antes da solução daqueles problemas significa o mesmo que tentar segurar um tigre imortal pela cauda. Mais cedo ou mais tarde, a mão da humanidade enfraquecerá e os resultados serão letais.

Além disso, os países ricos dispõem de mais energia do que de capacidade para usá-la com acerto; por isso, desperdiçam-na extravagantemente. Estudos recentes indicam que um crescimento zero de energia para os países ricos seria a melhor política a ser adotada. Assim, haveria aumento de qualidade de vida desses países e, ao mesmo tempo, existiriam recursos energéticos para serem compartilhados com os países pobres.

Quanta população a mais poderá a Terra agüentar, sem que ciclos ecológicos fundamentais sejam rompidos? De 14 em 14 anos, dobra o índice de poluição global. Quando atingiremos o limite de capacidade de absorção desse índice?

Os Estados Unidos têm bombas atômicas estocadas num total de 15000 megatons, o que equilibra a um milhão de bombas Hiroshima; o estoque nuclear soviético é um pouco menor, mas está aumentando; cerca da metade de todos os ci-

entistas e tecnólogos do mundo dedicam suas aptidões à pesquisa e desenvolvimento militares. As despesas militares nos países em desenvolvimento dobram, cada seis anos. Em todo o mundo, esses gastos representam trezentos bilhões de dólares por ano, segundo relatório do secretário-geral das Nações Unidas, apresentado em sessão especial da Assembléia Geral, em 1975.

O impulso total da sociedade tecnológica aumenta a separação entre países ricos e países pobres. Sabemos usar tecnologia para criar sociedades ricas, mas não sabemos utilizá-la no estabelecimento de sociedades justas.

Em resumo, existe um número excessivo de seres humanos que têm exigências desmedidas; outros quase nada possuem. Essa situação resulta na destruição das fontes de vida, e na concretização incessante de desejos. Países ricos e países pobres se defrontam, numa luta gigantesca sobre o cadáver da própria Terra.

IMPACTO TOTAL

Todos os seres humanos exercem impacto negativo sobre o ambiente. Um australiano ou um norte-americano atuarão cerca de 20 vezes a mais sobre o meio do que um habitante de Quênia ou da Indonésia. Nos países ricos, o consumo anual de ferro e de óleo cru, per capita, é de uma e três toneiadas respectivamente.

**O continente africano
com 400 milhões de
habitantes dentro de
20 anos será habitado
por 800 milhões
de pessoas.**

O impacto global negativo da população da terra sobre o ambiente representa, basicamente, o produto de três fatores: população total, vezes consumo de recursos por pessoa, vezes deterioração do ambiente por pessoa.

Todos esses aspectos são de grande importância. Quanto mais gente, quanto mais consumo de recursos naturais, quanto mais deterioração do ambiente, tanto maior será o impacto. Nessa equação, os dados têm valor crescente. A população da terra dobrará, dentro dos próximos 35 anos. O consumo de energia dobra de 10 em 10 anos. A poluição dobrou nos últimos 14 anos. Portanto, o homem exerce sobre o ambiente um impacto considerável e constante que, a continuar nesse ritmo, trará as mais graves consequências possíveis, tanto para a humanidade como para o resto da criação.

Reconheço que incorro no desagrado das pessoas pertencentes a países pobres, quando me refiro ao mundo em termos de uma única equação-impacto. Estou consciente das objeções levantadas por aqueles que encaram estas ponderações como uma trama urdida pelos países ricos a fim de criar obstáculos ao crescimento dos países pobres. Não é assim que encaro o assunto, muito pelo contrário. Os países pobres não têm a menor oportunidade de se desenvolverem adequadamente a não ser que os países ricos reduzam a proporção de impacto que causam sobre a Terra. E isto significa que o mundo rico deverá passar por um processo de diminuição do seu desenvolvimento. Os ricos precisam viver com mais simplicidade, a fim de que os pobres possam simplesmente viver. Vivemos num mundo injusto. Segundo os critérios da justiça, seria superdesenvolvido todo e qualquer país cujo padrão de vida superasse a capacidade

do mundo de produzir para seus habitantes. Este conceito é eticamente revolucionário. É ilusório supor que o mundo, nas suas atuais estruturas, chegue a uma partilha equitativa de recursos. Países dotados de amplas reservas, como os EE.UU., União Soviética, Irã, Brasil e Chile, serão detentores de poder, no futuro. Os países que acrescentaram a tecnologia aos recursos terão mais poder ainda, usando-o para se fortalecerem cada vez mais. A construção de um mundo justo implica não somente na reformulação de objetivos nacionais, como também numa reestruturação total da ordem econômica internacional. Sob pressão dos países em desenvolvimento, começam a ser exploradas vias que conduzem o mundo a uma ordem mais justa; simultaneamente, precisamos de desenvolver estratégias que pressionem os países detentores de recursos energéticos, a fim de que estes sejam usados de forma benéfica aos propósitos humanos. Não sei que estratégias poderiam ser usadas. Sei apenas que se não as descobrirmos, este mundo terá um futuro bastante negro.

Em segundo lugar, a equação-impacto enfatiza uma necessidade desesperada comum a todos os países em desenvolvimento: que os países ricos estabeleçam um modelo mais aperfeiçoado de desenvolvimento, com mais justiça e menos desperdício. Os enormes problemas que o Japão está enfrentando são consequência da imitação cega de padrões ocidentais.

Em terceiro lugar, a equação-impacto aponta para três frentes de combate no campo do desenvolvimento: população, consumo e deterioração do ambiente. O controle de população, isoladamente, não produzirá desenvolvimento. Sem ele, porém,

diminuem essas oportunidades. A República Popular da China encara a política de controle populacional dentro dessa perspectiva combinando-a com o desenvolvimento; o mesmo fazem outros países em desenvol-

vimento, como a Índia, Indonésia, Egito e algumas nações industrializadas. Existem, porém, muitos países cuja política populacional não faz nada mais do que agravar o problema da pobreza.

AMBIGÜIDADE DO FUTURO DA TECNOLOGIA

Entrarei agora um pouco mais nas profundidades do meu iceberg, para analisar as relações entre as ameaças físicas à sobrevivência da humanidade e as raízes dessa crise. Alguns pontos são bastante evidentes, outros, não.

Os mundos rico e pobre não podem viver sem os recursos da tecnologia. No entanto, ainda não descobrimos uma forma de viver adequadamente com ela. Os países pobres se deslumbram com o poder tecnológico e politicamente o encaram como fundamento do atual poderio do mundo rico. É lógico que desejam participar desse processo, pois necessitam de mais tecnologia. Não temos, porém, caminhos definidos: que tipo de desenvolvimento científico, tecnológico e administrativo poderemos seguir para que haja mais bem-estar para os pobres? As tentativas realizadas na década desenvolvimentista dos anos 60 malograram. O mundo rico está preso ao conceito de tecnologia dentro da perspectiva de um progresso baseado no crescimento ilimitado da produção e do consumo de bens. Estes, porém,

já existem para ele em proporção mais do que suficiente. Na realidade, nota-se que a qualidade de vida dos países ricos está declinando com o aumento de consumo. Como poderemos motivar os países ricos no sentido de que reduzam o crescimento econômico de bens materiais? Que tipo de ordem econômica nos trará a garantia de que, através da redução do desenvolvimento dos ricos, haverá mais possibilidades para o desenvolvimento dos pobres? Não sabemos.

Durante algum tempo, ciência e tecnologia a serviço do crescimento ilimitado, poderão adiar o dia do desastre, o que só nos conduzirá a um paraíso de quimeras e de tolices, do qual não poderemos talvez, escapar nunca mais. Assim, a alternativa da tecnologia se transforma numa armadilha. Agir como se a cura para os males da tecnologia consistisse na adoção de doses maiores da mesma tecnologia é seguir uma trilha falsa e destrutiva. Tenho dois motivos para fazer tal afirmação. Primeiro, nem sempre ciência e tecnologia poderão tirar de sua

Em 1975, 300 milhões de pessoas se nutriam apenas de dois terços de suas necessidades mínimas de proteína. No ano 2010, esta cifra será de 1 bilhão, no mínimo.

Os dez maiores países industriais consomem 75 por cento dos recursos energéticos mundiais (Estados Unidos, 35 por cento desses gastos).

caixa de surpresas um achado tecnológico que nos salve no último minuto. Crer que a ciência e tecnologia poderão representar a solução do nosso futuro é o mesmo que ter fé num mágico meio de transporte que talvez nunca chegue ao seu destino, com seu carregamento de alimentos, energia e outros recursos. Em segundo lugar, milagres tecnológicos de tipo moderno tendem a criar mais problemas do que soluções; seu apetite é voraz e conseqüentemente suas excreções são abundantes e nocivas.

É preciso apontar claramente os dons da tecnologia, uma vez que controlar a tecnologia significa ter o controle do desenvolvimento. As companhias multinacionais detêm um sexto do Produto Mundial Bruto. Os detentores do poder no mundo moderno não se restringem àqueles 18 países soberanos e desenvolvidos. As vendas anuais conjuntas das cinco maiores companhias multinacionais de petróleo excedem o Produto Nacional Bruto de todos os países do mundo, exceto quatro. 19 companhias multinacionais ampliam suas vendas no mundo desenvolvido e em desenvolvimento, mas os produtos que distribuem no mercado se destinam aos ricos e não aos pobres. É mais lucrativo excitar o paladar dos ricos do que encher a bariga dos pobres. É fácil criticar as companhias multinacionais, mas não é nada fácil inventar e instituir alternativas produtivas, que enfrentem essas poderosas organizações.

Qual o papel das igrejas, perante este ambíguo futuro, de caráter tecnológico? As igrejas já entendem que não faz sentido acreditar na existência de dois planos: um plano espiritual, que lhes diria respeito, e outro plano, denominado de temporal, que deveria ser entre-

gue aos outros. Isso leva à falsa crença de que o que deve ser feito é transformar as pessoas; elas, então, transformarão o mundo. Esse método, no entanto, não tem funcionado. Quando a vida está sendo desumanizada, dentro de uma grande fábrica, é a própria fábrica que deve sofrer modificações. A redenção dos povos implica na redenção do mundo em que vivemos. Nossos limites tanto são econômicos, políticos, tecnológicos, como espirituais. A luta de libertação do homem é uma luta pela libertação econômica, política, ecológica e espiritual. As igrejas devem envolver-se vitalmente nessas tarefas, questionando seriamente o significado de seus compromissos com a sociedade dominada pela tecnologia. É um desafio estabelecer a distinção entre aquilo que pertence a César e aquilo que pertence a Deus. Nada pertence a César, a não ser suas próprias malignas manifestações.

UMA SOCIEDADE GLOBAL ECOLÓGICAMENTE RESPONSÁVEL

A forma de uma nova ordem mundial, que assegure justiça e sobrevivência para todos, representa uma incógnita. Um simples cientista, como eu, dificilmente poderia esboçar-lhe os contornos. Mesmo assim, acredito que os cientistas não podem fugir à responsabilidade de tentar definir os elementos fundamentais para a consecução de um programa ou planejamento, independentemente de qualquer perspectiva política.

Muitas pessoas acreditam que a sociedade, tal como está organizada, pode durar indefinidamente. Não quero com isso afirmar que determinadas estruturas sociais não sobrevivam. Pretendo apenas mostrar que é a própria vida que está ameaçada,

tanto em termos de qualidade como de extinção absoluta.

Existe também a ameaça de auto-aniquilação. Nossos objetivos mínimos devem consistir na eliminação da ameaça à própria sobrevivência da espécie e à deterioração da qualidade de vida dos habitantes da terra, especialmente os pobres. O pré-requisito de qualquer sociedade global requer uma organização que permita a manutenção indefinida da vida, em todos os seus níveis, dentro das fronteiras terrestres. Um segundo pré-requisito consistirá em condições qualitativas de vida, que permitissem a plena realização do ser humano. Nesses moldes e com essas finalidades, poderia nascer realmente uma sociedade global duradoura, em contraste com a sociedade insustentável em que vivemos atualmente.

Para um biólogo, não há nada de novo no conceito de uma sociedade sustentável. Durante milhões de anos, a vida evoluiu, na terra, em termos de **sociedade sustentável**. E daí? — poderá alguém indagar. Talvez nem todos concordem com minha opinião, porém, parece-me importante que saibamos alguma coisa a respeito do tipo de mundo em que vivemos e de seus processos de vida contínua. Assim, não fugiremos da realidade, imaginando que existe uma variedade infinita de paraísos políticos a serem construídos pelo homem. Muitos não passam de ilusão. A busca obsessiva de paraísos ilusórios leva à catástrofe ecológica. A história das eco-catástrofes é a história da raça humana, sempre substituindo sociedades sustentáveis por sociedades insustentáveis. Isso está acontecendo, qualquer que seja o regime político, de esquerda ou de direita. Agora, no entanto, estamos praticando essa política em escala global. Não pretendo defender um retorno

à idade de ouro, perdida no passado. Quero simplesmente afirmar que, no futuro, poderá não haver mais nenhum tipo de idade, a menos que aceitemos determinadas regras que nos ajudaram a chegar até o ponto em que estamos. Darei apenas um exemplo neste sentido.

Durante milhões de anos, o fino invólucro vital que rodeia a terra e que denominamos de biosfera providenciou os recursos necessários à vida no planeta, de forma complexa e maravilhosa. Toda molécula de oxigênio na atmosfera provém das plantas. Cada vez que inspiramos podemos, a rigor, agradecer a uma planta. De 2000 em 2000 anos todo o oxigênio da Terra é completamente reciclado pelos organismos. Todo dióxido de carbono se renova, de 300 em 300 anos. Toda molécula de água neste planeta ou pertenceu ou se destina a um organismo vivo. Toda a água da Terra se renova de 22 em 22 milhões de anos. A sociedade global da natureza é uma sociedade sustentável. Ela preserva a movimentação das moléculas.

É esse processo que precisa ser mantido, se é que queremos continuar vivendo. E isso depende de um acordo entre as nações, no sentido de elaborarem um plano comum de conservação das fontes comuns restantes: a atmosfera e os oceanos. As estultas negociações políticas que estão sendo elaboradas nesse campo não respeitam a devida

segurança desses dois elementos. Um dos objetivos fundamentais refere-se à manutenção da biosfera, coisa que reputo da maior importância. O mundo real é composto de sociedades sustentáveis, inseridas na grande biosfera sustentável sob todas as suas formas: a floresta amazônica, ou a grande cordilheira dos recifes. Durante milhões de anos essas sociedades naturais se têm auto-renovado e auto-sustentado. Com elas aprendemos muita coisa. Aprendemos também que é muito fácil torná-las **insustentáveis**.

De qualquer forma, a sociedade tecnológica é um fato irreversível. Espero que aqui se desenvolva um tipo de sociedade tecnológica diferente da que a maioria dos países está tentando loucamente criar. O livro de Gênesis nos mostra que a vida deve ser sustentada e renovada; se isto é verdade, teremos que fazê-lo através de um novo tipo de ciência e de tecnologia, governadas por novas formas econômicas e políticas. Por isso, a sociedade global sustentável tem caráter tão complexo. Seu advento está intimamente ligado à reflexão radical e a transformações revolucionárias no domínio da ciência, tecnologia, economia e política. Teremos que tomar decisões que não são apenas econômicas e políticas, mas também científicas e técnicas.

Encerrando o assunto de uma perspectiva global, notamos, na sociedade global sustentável, as seguintes características. Primeiro, o crescimento populacional deveria deter-se no ponto em que se chegasse perto da capacidade de aproveitamento da terra: crescimento-zero. O consumo de recursos naturais deveria estabilizar-se num nível sustentável de abastecimento. O que significaria crescimento zero

em consumo de bens. Esses recursos deveriam ser distribuídos onde deles houvesse maior necessidade. Seu aproveitamento total, através de reciclagens, exigiria novo tipo de tecnologia. A emissão de **poluentes** deveria ser inferior à capacidade que a Terra tem, de absorvê-los; crescimento-zero em poluição. Num sociedade sustentável, as ênfases são: povo (e não bens), crescimento em qualidade (e não crescimento em quantidade).

Existe enorme abismo entre os modelos biológicos e as realidades políticas. O importante é saber se estamos nos encaminhando na devida direção. Mencionarei três passos essenciais.

Tecnologia adequada — A ciência e a tecnologia deverão desempenhar tarefas de importância fundamental, a fim de poderem contribuir para a promoção de uma sociedade sustentável para todos os povos da terra. Entre essas tarefas, inclui-se a ampliação de técnicas agrícolas ecologicamente seguras, destinadas a países em desenvolvimento, dotadas de alta produtividade, com aproveitamento intensivo do trabalho e com a preocupação de conservar a energia disponível. No mundo desenvolvido, precisamos de diversificar o sistema de transporte de massas, diminuindo a quantidade de automóveis; precisamos de mais pontes e estradas de ferro e de menos latas de cerveja; de menos gigantescas empresas e quarteirões comerciais e de mais tecnologia miúda; porém com aspecto humanizante.

Dentro de um milhão de situações diferentes, a comunidade científica deve descobrir técnicas que explorem os sistemas naturais gastando menos o ser humano, o potencial energético, as reservas naturais e evitando a destruição ecológica. Por

exemplo, unidades de energia solar, em escala modesta. Esses empreendimentos não atraem tanto a atenção como as exibições de poderio nuclear ou transplantes de coração. Seu potencial se expressa em termos de sobrevivência para a raça humana e vida justa para todos.

A transferência da tecnologia em grande escala (frequentemente inadequada) para países em desenvolvimento contém elementos próprios do sistema, que originam elevados padrões de consumo, altamente dependentes do uso maciço de energia. Foi o que aconteceu com a "revolução verde". Convencionou-se admitir que tanto ciência como tecnologia representam valores livres ou neutros; esse conceito está sendo posto em questão em diversas frentes de trabalho. Aos poucos os cientistas e tecnólogos começam a perceber que não existe concepção descomprometida de ciência e tecnologia. Por isso mesmo, não podem mais se libertar dos efeitos das descobertas que fazem, ou lavar as mãos e ficar com a consciência em paz. São responsáveis perante a sociedade, no sentido de reconhecerem que tanto ciência como tecnologia devem ter emprego responsável e adequado. Não podem simplesmente ficar "à disposição" do sistema. Um número cada vez maior de cientistas com consciência social quer controlar, de alguma forma, o alcance de suas descobertas. Sair da tecnologia em grande escala para um tipo de tecnologia mais apropriada não representa a solução para todos os problemas. Trata-se, apenas, de um dos fatores a serem considerados dentro de um complexo de mudanças necessárias.

Auto-Sustento — O auto-sustento não é nem isolacionismo nem auto-suficiência. Representa para um país, o au-

todesenvolvimento da capacidade de buscar objetivos e tomar decisões autônomas; esse aspecto é particularmente importante para nações que, com adequado impulso interno, têm potencial para vencer a pobreza e outros males. Este caminho não é fácil. O auto-sustento se vê cara a cara com as estruturas internacionais de poder, que "resistirão a mudanças nessa direção". Desde que elas interfiram no crescimento e lucro (Declaração de Cocoyoc da UNEP).

Interdependência — As nações ainda não se decidiram a favor da interdependência. Ainda se acredita no mito segundo o qual cada país é um barco distinto dos outros. Existe, no entanto, um único barco para toda a humanidade; numa das extremidades viajam os passageiros de primeira classe e na outra, os de terceira classe. Se um dos lados afundar, o barco todo afunda. Em nome da sobrevivência e da justiça para todos, torna-se necessário fazer uma redistribuição de recursos dentro do barco: os meios empregados para tal deverão exceder os critérios facciosos do sistema de marketing internacional. O desafio mais importante da redistribuição de recursos consis-

Somente os Estados Unidos têm bombas estocadas num total de 15.000 megatons (1 milhão de bombas Hiroshima); o estoque soviético é um pouco menor. Em todo mundo os gastos militares representam 300 bilhões de dólares por ano.

te nos conceitos de posse dos recursos naturais, considerados propriedade da nação que os detêm, por obra do acaso. Exploramos desmedidamente os recursos naturais justamente porque nos consideramos donos deles, como se fossem propriedade particular. Começaremos a usá-los com mais respeito e muito mais justiça no momento em que os encararmos (a terra, minerais, petróleo, carvão) como parte de uma comunidade à qual pertencemos.

NATUREZA, HOMEM E DEUS

Chego agora ao que considero mais importante — a parte final de meu trabalho. Acredito que só poderá existir nova formulação básica da tecnologia e da sociedade através de uma radical transformação de mentalidade e sentimentos no campo do relacionamento entre o homem e a natureza. Ernest Schumacher afirmou que “estamos sofrendo não somente de deficiência técnica como também de deficiência metafísica.” No mundo moderno, predomina a total confusão espiritual acerca da relação entre o homem e a natureza, dentro de uma cultura tecnológica. Intimidados pela cultura secular, teólogos e igrejas parecem ter relegado a tarefa de interpretar a relação do homem com a natureza à ciência mecanicista (que é uma ciência mal interpretada) e à filosofia materialista. As igrejas fazem parte da cultura tecnológica do mundo rico e por isso sentem dificuldades em criticá-la. Assim, aceitam implicitamente as perspectivas do mundo dominador, sem que se levantem vozes claras e unas, no sentido contrário. No entanto, “se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha?”

Precisamos apontar claramente a existência de duas relações.

Primeiro, a relação existente entre justiça humana e renovação da terra e entre injustiça humana e deterioração do ambiente. Quando as pessoas pouco se incomodam com o seu semelhante, também pouco se incomodam com o mundo. O industrial cuja empresa polui a atmosfera e o garoto que rasga os assentos do ônibus expressam exatamente o mesmo tipo de atitude. São ignorantes e pouco se incomodam com o próximo. Pouco se incomodam, igualmente, com o mundo. Oséias afirma que “O Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra; porque não há nela verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus, o que prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar, e há arrombamentos e homicídios sobre homicídios. Por isso a terra está cheia de luto, e tudo que mora nela desfalece, com os animias do campo e com as aves do céu; e até os peixes do mar perecem”. (Oséias 4:1-3).

Dizer que a luta da libertação ecológica nos afasta da tarefa da libertação da pobreza representa um ponto de vista bastante limitado. Uma coisa não pode ser feita sem a outra. É tempo de reconhecermos que o movimento de libertação é, em termos finais, um único movimento. Abrange a libertação da mulher, do homem, da ciência e da tecnologia, a libertação dos animais e das plantas, do ar e dos oceanos, das florestas, dos desertos, das montanhas e dos vales. Joseph Sittler afirmou certa vez que “o lago Michigan está em agruras de sofrimento, esperando ser libertado de seus grilhões de decadência.” É preciso que, em encontros conjuntos, cientistas e teólogos reflitam sobre a ética cristã de todos esses fatos. Recentemente o Conselho Mundial de Igrejas reuniu um grupo para discutir

os problemas éticos provindos da aplicação da genética moderna ao bem-estar humano; nessa ocasião, formularam um princípio que reputamos da mais alta importância. Afirmaram que "os homens de igreja não podem esperar que o passado lhes dê precedentes que os ajudem a responder a perguntas nunca antes formuladas. Por outro lado os novos descobrimentos científicos não apontam os objetivos humanos que realmente valem a pena ser perseguidos. Para que sejam tomadas decisões éticas em novas áreas é necessário entender e utilizar as possibilidades que a ciência oferece, com espírito aberto, que respeite as convicções dos indivíduos e da comunidade acerca da natureza e destino do ser humano. Nesse ponto, o verdadeiro julgamento ético não pode afastar-se do conhecimento científico, levando-se porém em conta que a ciência não proíbe o que é bom".

Em segundo lugar, existe relação entre a imagem que temos a respeito da natureza e a maneira como a manipulamos. A ideologia da natureza dominante do mundo cristão ocidental coincide com a ideologia dominante no mundo secular. Representa uma perspectiva tecnocrática a respeito da natureza. Como cientista, considero-a ruim: é uma deformação da ciência. Como leigo em teologia, arrisco-me a dizer que também me parece má teologia. As pessoas clamam por pão e nós lhes damos uma pedra. A perspectiva tecnocrática da natureza representa uma caricatura da natureza. Além de ser inadequada é também pernicioso, porque reforça os padrões de mentalidade e comportamento de uma sociedade manipuladora de seus componentes. Sob a perspectiva tecnocrática, a criação não-humana representa apenas o palco

no qual se desenrola o drama da vida humana. Plantas e animais existem em função do uso que deles fazemos. São peças de apoio para nós e, em termos éticos, têm apenas valor instrumental. Esta atitude é de um egoísmo total, arrogante e chovinista. Prepara o terreno para a insensibilidade perante os atentados ao meio ambiente, apesar de se acrescentar a ela uma tímida declaração de que devemos também ser servidores, dentro do nosso feudo. Serve de apoio para uma falsa interpretação da ciência e uma perspectiva parcial da teologia bíblica.

A teologia poderia desempenhar papel importante no futuro se um número crescente de teólogos se preparasse, mais uma vez, para pensar criticamente a respeito da natureza, sem medo das possíveis consequências. Esta tarefa inclui a redescoberta da unidade fundamental do mundo humano e não-humano, sem que com isso seja necessário abrir mão de verdades fundamentais sobre o homem. Trata-se de redescobrir a unidade de toda a criação à luz do entendimento cristão sobre o homem. Isso significa uma reinterpretação radical da relação entre o homem e a natureza.

O mundo não é tão dócil assim. Nosso raciocínio lerdo, guiado pelas convenções é que pressupõe essa docilidade. Outra perspectiva, que pode ser chamada de sacramental, por falta de termo melhor, enfatiza o aspecto sentimental do mundo. No livro de Jó esse espírito transparece nas indagações do capítulo 38. Por que, depois da chuva, haverão de nascer flores no deserto, se lá não estiver o homem? Terão elas algum valor se não houver ninguém que as use ou as admire? No salmo 104, o salmista afirma que Deus cria as coisas pelo que elas representam em relação a elas

mesmas, em termos absolutos. O homem é apenas um, entre os muitos grãos de areia da enorme praia cósmica.

Salvam-se dois aspectos da natureza, no ponto de vista sacramental. Primeiro, o valor intrínseco das criaturas. Segundo, a relação de dependência que existe entre todos os seres. Nenhum desses conceitos se harmoniza com uma visão criativa da natureza.

Por que afirmar que só pessoas têm valor intrínseco? O que poderia dar valor intrínseco à flor que floresce sozinha no deserto ou ao elefante e à baleia azul? Baseio-me em John Cobb para replicar que somente a consciência (ou em termos antropomórficos, a "sensibilidade") dá valor intrínseco às coisas, consciência do meio total em que vivemos e que inclui Deus. Quem somos nós para negar a subjetividade de todas as criaturas? O que vemos com nossos próprios olhos e com os olhos da ciência não passa do aspecto exterior das coisas. Aquilo que está dentro de nós, junto com nossa dependência das coisas nos é mostrado pela subjetividade. Podemos negar o que está do lado de dentro de outros seres? Olhai para os lírios do vale! Nem um pardal cai ao solo sem que nosso Pai dele tome conhecimento. Com isso não quero dizer que Deus faz estatísticas de pardais mortos, mas que até mesmo a vida de um pardal tem importância para ele.

A subjetividade é uma face do relacionamento existente entre as criaturas, que a perspectiva tecnológica da natureza não pode enfrentar; prefere, então muito a propósito, ignorá-la. A outra face é a dependência ou a contingência. Até mesmo uma humilde flor, que floresce escondida de todos, possui um relacionamento de dependência.

O poeta Tennyson vê a pequena flor participar, em escala diminuta, do dinamismo universal de Deus, aqui e agora:

"Pequena flor no esburacado
[muro
Pequena flor — se eu te
[conhecesse
O que tu és, raiz e tudo, e tudo
[em tudo
Eu poderia conhecer o que é
[Deus e o homem."

Se pudéssemos chegar ao conhecimento da qualidade dessa participação, poderíamos chegar ao conhecimento de Deus.

As histórias da criação não se referem a acontecimentos do passado. Falam sobre relacionamento de dependência, alienação e renovação no momento presente. A imagem de Deus como um artista que pinta uma flora e a deixa na tela é uma imagem inadequada. De uma maneira ou de outra, Deus tem a ver com a existência da flor e com a existência de tudo quanto nos rodeia. Precisamos saber avaliar a criação, levando em conta uma hierarquia de valores intrínsecos (do homem e dos pardais), que não omita o conceito dos direitos da natureza não-humana. Pode ser que se consiga preservar a vida na face da terra, talvez porque algumas pessoas tenham atribuído à natureza valor independente de sua utilidade para conosco, numa demonstração de sensibilidade perigosamente próxima dos limites de segurança. É o que Paul Verghese denomina de "atitude reverente e receptiva".

Alguns setores na área do pensamento cristão têm esta perspectiva — personalística e sacramental — segundo a qual os seres da criação estão interligados numa atitude responsável através de um relacionamento íntimo com o Deus criador. O cristianismo do Oriente

e, em parte, algumas religiões asiáticas têm essa tradição de pensamento.

UMA ECOLOGIA DE DEUS

As idéias que acabei de expressar, são, para muitos de vocês, imagem óbvia daquilo que está acontecendo com a **teologia de processo**, segundo a qual se levam extremamente a sério as perspectivas da ciência sem que, com isso, se despersonalize o universo. Foi assim que apreendi a existência de uma ecologia de Deus, ao lado de uma ecologia do mundo. A. N. Whitehead sintetizou essas idéias ao afirmar que "Deus não existe **antes** da criação, mas **paralelo** a ela". A ecologia de Deus também está presente na epístola aos Romanos, no capítulo 8; em Colossenses, no capítulo 1.º; e especialmente no prólogo ao evangelho de São João. Neste texto, deparamos com a imagem de uma natureza eminentemente sensível dentro da própria natureza, que das trevas consegue fazer nascer a luz. O que é pessoal torna-se paradigma e não exceção para toda a natureza. "Desde o início, existia a perspectiva de que universo tinha caráter pessoal. No processo posterior de criação manteve-se sempre essa característica. O que o homem está descobrindo atualmente é que existe igualmente um campo imerso na escuridão, que precisa ser devidamente considerado: o campo do infra-pessoal. Foi Jesus Cristo que expressou essa realidade, levando-se em conta que a realidade última de Deus não foi vista por ninguém. Porém aquele que está próximo de Deus, na relação única de Filho com o Pai, expressou claramente esse fato." A ciência também põe a nu a incrível interdependência e unidade do mundo. Porém as igrejas, em sua maioria, não se têm

preocupado em desvendar a unidade espiritual que dá significado à realidade física.

Não consigo pensar nesta imagem personalística e unitária da criação, sem deixar de sentir humildemente que todas as criaturas estão num mesmo plano de igualdade, e que a responsabilidade humana se amplia infinitamente a toda a criação.

Será que as igrejas podem continuar a silenciar sobre esses pontos? Ou virão a ser despertadas pela confusão reinante em suas próprias fileiras e no mundo secular? Precisamos buscar corajosamente o significado da unidade existente entre a natureza, o homem e Deus, à luz da ciência e de um tipo de ecumenismo mais amplo, que inclua o pensamento cultural africano e asiático. Assim, as igrejas poderiam ter visão mais clara de sua responsabilidade, no sentido de povoar a terra pelo bem da humanidade e de todas as criaturas, enquanto ainda houver tempo para tal.

Precisamos destruir a barreira de pobreza que nos separa de quase dois terços da humanidade, para continuar a habitar a terra; para isso, torna-se imprescindível uma revolução no relacionamento entre os seres humanos e a terra, e entre os homens uns para com os outros. É agora que as igrejas do mundo terão que decidir se querem ou não participar dessa revolução.

Para que o Mundo creia

Mortimer Arias

A proclamação do Novo Testamento une o sinal à Palavra. Algumas pessoas anunciam a Palavra e se esquecem do sinal: nosso pecado de omissão pode ter consistido em multiplicar os sinais no mundo e esquecer o anúncio da Palavra.

“Para que todos sejam um, para que o mundo creia...” (S. João 17-21). “Seu propósito é assistir a comunidade cristã na proclamação do Evangelho de Jesus Cristo ao mundo por palavras e ações. Para que todos creiam Nele e sejam salvos”. (Alvos da Comissão de Evangelismo e Missão Mundial (CWME)).

POR ocasião do 25.º aniversário do Conselho Mundial de Igrejas, a revista **Risk** fez a seguinte pergunta ao dr. W. A. Visser't Hooft: O que motivou a idéia de ecumenismo, na década dos anos trinta? Sua resposta veio sem hesitação: “É claro que nasceu primeiro dentro do movimento missionário”.

UNIDADE — PARA QUÊ?

Ao se dirigir ao Sínodo dos Bispos, em Roma, no ano passado, o secretário atual, Philip Potter foi bastante claro nesse ponto: “O movimento ecumênico, entre outras coisas, se origina das exigências de uma evangelização que clama por unidade entre os cristãos (...) O Conselho Mundial de Igrejas está convicto de que o tema ecumênico, é evangelização (...) Evangelização (...) só pode ser concebida e efetuada dentro de uma perspectiva e comunidade ecumênicas.

Portanto, dentro da perspectiva da missão da Igreja, a unidade não consiste meramente numa esperança escatológica, numa realidade espiritual ou num objetivo inter-ecclesiástico. É, realmente, um pré-requisito da missão. Não buscamos a união de *per se*; queremos, como na oração sacerdotal, “que o mundo creia”.

O motivo inicial da criação do Conselho Mundial de Igrejas foi “apoiar as igrejas em sua tarefa de evangelização”, tendo como base a convicção própria

da época de que “atualmente, mais do que nunca, a suprema tarefa das igrejas é a evangelização”. Depois de rever a situação do mundo e da Igreja, a Assembléia de Amsterdã, realizada em 1948, afirmava o seguinte: “O desejo evidente de Deus, nesta situação, é que a Igreja toda se dedique à tarefa total de conquistar o mundo todo para Cristo”. Em 1951, o Comitê Central lembrava às igrejas que a palavra — ecumênico — “é usada adequadamente para descrever tudo aquilo que se relaciona com a tarefa total de toda a Igreja, no sentido de levar o Evangelho a todo o mundo”.

Quando em 1961, se fundiu o Conselho Mundial de Igrejas com o Conselho Internacional de Missões, a Visão subjacente à decisão também era fornecer conteúdo estrutural ao tema: “Toda a Igreja, com um único Evangelho, para todo o mundo”. Também se pretendiam dar condições seguras para que a missão não fosse tarefa especializada de algumas organizações missionárias, mas responsabilidade de toda a Igreja e de todas as igrejas.

Portanto, torna-se bastante claro que a intenção básica do Conselho Mundial, (“permanecer juntos”) assumia aspecto secundário em relação à tarefa primordial da Igreja de Cristo: a evangelização do mundo. Isso explica a dramática conclusão de Philip Potter, ao se dirigir ao Sínodo de Roma: “Evange-

lizar representa um teste para nossa vocação ecumênica”. Nesta Quinta Assembléia enfrentaremos idêntico teste, ao nos reunirmos para expressar a mais ousada e evangelística afirmação que pode ser feita ao mundo de hoje: “Jesus Cristo Liberta e Une”.

EVANGELIZAÇÃO: PRIORIDADE ESSENCIAL

Parece que o Espírito Santo está chamando as igrejas de todo o mundo a desempenharem, mais uma vez, sua responsabilidade essencial e primaria. Foi o que se viu no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, no Sínodo de Bispos, em Roma, na reunião de Jerusalém e em muitos outros encontros nacionais e regionais. Em junho de 1974, representantes de igrejas ortodoxas da Europa, América e Ásia, reuniram-se em Bucareste para estudar o tema: “Confessando a Cristo, hoje”. Declararam nessa ocasião: “Não temos a opção de guardar as Boas-novas para nós (Rom. 10: 1). O Evangelho não comunicado (Boas-novas) é uma contradição patente”.

A Igreja Evangélica Metodista da Bolívia, à qual pertenco, é tão pequena que só pôde ligar-se ao Conselho Mundial na qualidade de “membro associado”. Depois de longa história de serviço e compromissos para com o povo boliviano, através de

muitos programas e ministérios, nossa igreja percebeu que tinha chegado a hora de definir sua compreensão da tarefa evangelística à luz de todo o Evangelho. Depois de muita reflexão sobre sua experiência e a da Igreja Universal, foram elaboradas 27 teses sobre "Evangelismo na América Latina Hoje". Neste momento, gostaríamos de compartilhar com vocês desta reflexão ecumênica, como uma oferta de gratidão por tudo que recebemos da Igreja Universal.

"Evangelizar é essencial para a Igreja e é sua tarefa fundamental. A evangelização se deriva da escolha feita por Deus de "um povo seu"; baseia-se na continuação da missão do Filho de Deus entre os homens. Origina-se da grande Missão que Jesus deixou à sua Igreja e sustenta-se na promessa do recebimento do Espírito por parte da comunidade salva. O fruto da evangelização é a edificação na terra do corpo de Cristo é a própria sobrevivência da Igreja que depende disso" (Gen. 12:1-2; Ex. 19:5; Mat. 10:28; Marcos 16:15; João 15:16; 17:18; 20-21; Ato 1:8; I Pedro 2:9-10).

"Evangelizar é tarefa permanente, na época adequada ou fora de época". Não há situação que nos exima de "anunciar as grandes obras daquele que nos tirou da escravidão para a luz". Secularismo, existência de outras religiões e ideologias, explosão populacional, exigências

de outras tarefas urgentes que os cristãos devem desempenhar, nada disso deve tirar da Igreja sua responsabilidade de evangelizar, que nenhuma outra instituição humana pode desempenhar. A evangelização tem que ser efetuada numa sociedade capitalista, numa sociedade socialista e em qualquer outra sociedade que apareça na história. Só seremos dispensados da tarefa de evangelizar com a vinda do reino de Deus, na sua plenitude (At. 4:12; Gal. 1:18; II Cor. 11:4; I Tim. 2:5-7; II Tim. 4:1-5; I Pedro 2:9).

Ao citar estas declarações de assembléias, consultas e igrejas, dentro da comunidade diversificada do Conselho Mundial, não tenho a intenção de apaziguar minha própria consciência ou de refletir uma atitude de triunfalismo. Em vez disso confesso diante de Deus que:

Nem sempre temos sido fiéis à nossa missão;

Nem sempre temos dado prioridade ao que deve mesmo ser prioritário;

Nem sempre temos sido dignos sucessores daqueles que nos precederam, de Edimburgo, em 1910, ao México, em 1963;

Nem sempre concretizamos as esperanças que deram margem à criação do Conselho Mundial de Igrejas e sua fusão com o Conselho Internacional de Missões.

Por outro lado, reafirmar esses propósitos não significa que aceitemos como fiel cumprimento de nossa missão a tudo aquilo que é empreendido em nossas igrejas sob o rótulo de evangelização; tampouco acreditamos que precisemos continuar repetindo "a mesma velha história, do mesmo velho modo", como se nada tivesse mudado. Nem que

pretendemos renunciar a tudo quanto tentamos fazer através do movimento ecumênico, a fim de encontrar resposta para as necessidades e desafios de nosso mundo, nos últimos 25 anos.

UMA AFIRMAÇÃO

Acredito pelo contrário, que chegou o momento de anunciarmos o potencial missionário e evangelístico de todos os empreendimentos do Conselho Mundial de Igrejas, realizados por nosso intermédio e em nosso nome. Tomo a liberdade de sugerir que aclamemos e afirmemos:

— 30 anos de programas em benefício de migrantes e refugiados que foram marginalizados por nossas sociedades desumanizantes (“a mais impressionante expressão da totalidade do ministério da Igreja no nosso tempo”, afirmou Newbiggin);

— Persistentes protestos contra injustiças sociais, violência, racismo, opressão e repressão de povos em diversas partes do mundo;

— Busca constante de justiça e reconciliação, através de organização e programas como: Comissão de Ajuda Intereclesiástica a Refugiados e Serviço Mundial (CICARWS). Comissão das Igrejas sobre Relações Internacionais (CCIA). Programa de Combate ao Racismo (PCR). Comissão de Participação da Igreja no Desenvolvimento (CCPD). Comissão Cristã de Medicina (CMC);

— Tentativas de encontramos respostas criativas e corajosas para os poderosos problemas de urbanização, através da UIM;

— Apelo incesante por união e renovação das igrejas;

— Expansão, na Europa, de movimentos de renovação para jovens e estudos bíblicos;

— Denúncia do imperialismo, que está implícito, explícito ou latente no movimento missionário ocidental; participação de igrejas jovens do Terceiro Mundo; reconhecimento da identidade cultural no ato de receber e propagar a fé cristã; abertura de novos relacionamentos em termos de maturidade e de participação, na missão;

— Repúdio do proselitismo: é corrupção do testemunho;

— Esforços aplicados para detectar os “sinais dos tempos” e responder às exigências da “agenda mundial”;

— Partilha de recursos humanos e financeiros através de programas criativos de educação teológica (TEF); desenvolvimento de literatura cristã (CLD) no Terceiro Mundo;

— Busca ansiosa do significado de “Salvação. Hoje” e afirmação de que o sofrimento e lutas dos povos pela sua humanização e libertação não estão alheios ao propósito de Deus para este mundo e ao processo total de salvação na História;

— Reflexão teológica sobre o tema: “Dando expressão à esperança que está dentro de nós;

— Esforços constantes para relacionar igreja e sociedade, e para compreender melhor as implicações das novas descobertas da ciência e tecnologia para a vida da humanidade na terra;

— Preocupação de enfrentar o terrível e apocalíptico espectro da fome que paira sobre a maior parte do nosso planeta;

TUDO ISTO É MISSÃO E PODE SER PARTE INTEGRANTE DA VERDADEIRA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DE HOJE.

CONFISSÃO E ARREPENDIMENTO

Precisamos, no entanto, afirmar que nem sempre o Conselho Mundial tem sido capaz de pôr à disposição das igrejas o potencial evangelístico de uma série impressionante de estudos prioridades e projetos. Paralelamente, nossas igrejas, organizações e concílios também não têm conseguido usar de forma prática o acervo da experiência ecumênica. Muitas vezes fizemos teologia dentro do vácuo, sem ter como referência a vida contemporânea das igrejas e os programas ecumênicos atuais. Outras vezes, nos submetemos a um ativismo mais ligado a slogans do momento do que à reflexão bíblica e teológica adequadas. Acima de tudo, precisamos reconhecer, com humildade, que a evangelização tem sido a gata borralheira do Conselho Mundial de Igrejas, a se julgar pela proporção que ocupa na sua estrutura: uma única sala, apenas um funcionário, numa sub-estrutura que é apenas parte de uma unidade, uma carta mensal às igrejas do mundo todo...

Tudo o que a igreja fez tem dimensão evangelística — afirmaram-nos as conferências de Evanston e de Bangkok. Temos, porém, que admitir que muitas vezes, a dimensão evangelística não se traduz em intenção evangelística; que o potencial evangelístico não está sendo utilizado; que o implícito não se transforma em explícito. Afir-memos de uma vez por todas que qualquer ação com o rótulo

de evangelística terá de nomear “o nome que está acima de todos os nomes”, tentando atravessar a fronteira entre a fé e a falta de fé e levando as Boas-novas de uma maneira ou de outra, mais ou menos intensamente. A proclamação do Novo Testamento une o sinal à palavra. Algumas pessoas anunciam a Palavra e se esquecem do sinal: nosso pecado de omissão pode ter consistido em multiplicar os sinais no mundo e esquecer o anúncio da palavra.

De qualquer maneira, a sinceridade destas afirmações e confissões terá de ser comprovada através de “trabalhos de arrependimento” e por planos para os próximos cinco anos. Por exemplo: 1) reforçar a linha (já em execução) de relacionamento de estratégias, métodos de aproximação e estruturas dentro do Conselho Mundial de Igrejas; 2) fazer com que a influência da missão e da evangelização dentro do movimento, fique mais visível e funcional; 3) dar significado e conteúdo evangelístico e missionário ao novo programa de educação teológica; 4) estimular o aparecimento de uma nova e contextual concepção de missão, especialmente no Terceiro Mundo, com a participação da Igreja Universal sal; finalmente 5) estabelecer prioridades racionais de recursos humanos, econômicos e acadêmicos da Igreja, indo muito mais além do que as tímidas iniciativas do ESP (partilha ecumênica de pessoal — moratória como novo desdobramento).

UMA APROXIMAÇÃO INTEGRAL

Minhas palavras se apóiam no que se chama de uma “aproximação integral” da evangelização. A Igreja Evangélica Metodista da Bolívia encara o assunto desta maneira:

“A verdadeira evangelização é total e integrada: todo o Evangelho, para o homem todo, na totalidade da humanidade. A Evangelização se dirige, na sua totalidade: individual e social, física e espiritual, histórica e eterna. Rejeitamos, portanto, qualquer dicotomia, antiga ou moderna, que reduza o Evangelho a um homem de uma única dimensão ou fragmento, homem esse criado à imagem e semelhança de Deus. Não aceitamos a idéia de que evangelização significa apenas “salvar almas”, buscando exclusivamente “uma mudança de status eterno do indivíduo”; estes conceitos são insuficientes. Rejeitamos também a redução do Evangelho a um programa de serviço ou desenvolvimento social, a mero instrumento de programas sócio-políticos”. (Mat. 9:35-38; Lucas 4:18-19; At. 16:31; I Tim. 4:6-10; II Tim. 1:10).

Portanto, parece haver boas razões para que o patriarca Pimen de Moscou tenha reiterado que a Carta de Bangkok para as Igrejas nada diz a respeito do objetivo final da salvação, isto é, a vida eterna em Deus.

O mesmo acontece com os nossos irmãos em Cristo, que nos pedem que façamos declarações claras a respeito do “homem na sua totalidade”, incluindo-se logicamente, a salvação eterna através da fé em Jesus Cristo.

É interessante nos lembrarmos das declarações de Emílio Castro, diretor da Comissão sobre Missão Mundial e Evangelização, a respeito da ênfase da

Conferência de Bangkok na salvação histórica: “Não poderemos entender nossa participação na história da humanidade, em busca de justiça social, como manifestação que Deus nos prometeu, sem que a relacionemos com a vida eterna que nos foi prometida, vida essa que não nos será arrebatada por nada deste mundo, nem vida nem morte. (...) Justiça social, salvação pessoal, afirmação cultural, crescimento da igreja, tudo isso é parte integrante dos atos salvadores de Deus”.

A evangelização não tem apenas conteúdo integral; sua forma também é integral, numa união inseparável de “palavra e atos”.

“A verdadeira evangelização é **incarnada**: consiste na proclamação por palavra e atos, numa situação concreta. O Evangelho é eterno, mas não está fora do tempo ou da história. Dirige-se ao homem todo, dentro desse contexto. Isto não quer dizer que situações históricas concretas façam parte do conteúdo do Evangelho. A evangelização deve ser inserida neste mundo e na experiência total do homem, cujas respostas devem provir das profundidades de sua existência histórica. (...) Portanto, evangelização não pode ser reduzida a uma fórmula aplicável indiscriminadamente a qualquer situação ou ao mero verbalismo da propaganda evangélica.” (Luc. 7:22; João 1:14; Filip. 2:5-11; II Cor. 3:2-3; Tiago 1:22).

Quando afirmamos que a evangelização deve incarnar-se não queremos dizer que ela deva

ser silenciosa. Em certos lugares e ocasiões precisamos ficar calados, deixando que nosso testemunho se expresse através da ação e presença. Essa é, porém, situação extrema, que não deve ser considerada normal ou normativa. Chega o momento em que precisamos nomear o Nome e proclamar a Palavra.

Porque deve ter aspecto de mensagem total, a evangelização inclui a proclamação, denúncia profética, testemunho pessoal e comunitário, chamada ao arrependimento, conversão e incorporação na Igreja Cristã e participação na luta por uma vida mais justa e humana, inspirada nos propósitos de Deus. A consulta Ortodoxa de Bucareste já mencionada afirmava que embora "o alvo final do testemunho evangelístico seja a conversão, e o batismo" existem também "alvos intermediários" como amor e diálogo entre cristãos e não cristãos, "penetração nas estruturas da sociedade" e desafio profético aos valores da sociedade".

EVANGELIZAÇÃO CONTEXTUAL

A evangelização deve ter também caráter contextual.

Decidimos, na Bolívia, submeter nossas teses ao teste da experiência: organizamos uma equipe nacional interdisciplinar completada por pessoas de três igrejas locais, para cada trabalho, em áreas próximas às cidades do Oruro e Cochabamba. Realizamos uma experiência de "imersão evangelística", que durou algumas semanas.

Tentamos, primeiro incarnar o Evangelho que deveríamos anunciar ao nosso próprio grupo. Dedicamos manhãs ao estudo meditação, troca de experiências, avaliação e planejamento.

Foram preparadas mensagens em grupo, na base da experiência diária. Uma vez que iam proclamar reconciliação, tínhamos que concretizá-la dentro da dinâmica de nosso grupo. Para, em seguida, tentar ampliá-la à igreja e comunidade locais.

Em segundo lugar, tentamos estudar nosso contexto cuidadosamente. Através de estudos, análise de pesquisas, visitas à área, contatos com vizinhos e autoridades locais, tentamos chegar à compreensão da população local, de seus problemas familiares e comunitários.

Em terceiro lugar, visamos uma apresentação integrada do Evangelho através da palavra e atos. Convidamos pessoas para reuniões à noite, a fim de compartilhar dos problemas da comunidade, ouvindo e debatendo o Evangelho, refletindo em conjunto sobre seu significado, passando algumas horas agradáveis em espírito de amizade e de comunidade. Apresentamos a mensagem através de hinos que refletiam situações do dia a dia, adaptados para ritmos nacionais; fizemos sociodrama, pregação, ensino e diálogo. Também entramos na ação prática. Nossas preces se relacionavam com problemas de luz, água, doença, violência urbana, etc. — temas sugeridos pelos próprios participantes.

Descobrimos algumas coisas. Não é necessário pôr de lado a

Muitas vezes fizemos teologia dentro do vácuo, sem ter como referência a vida contemporânea das igrejas.

ação social a fim de evangelizar, nem usá-la como isca para atrair gente. As pessoas estão prontas a receber um Evangelho total, relacionado com o contexto total de suas vidas. Uma das experiências mais interessantes nesse sentido foi constatar a espontaneidade da mensagem cristã, em resposta a situações específicas, uma completando a outra. Era o próprio povo e acontecimentos diários que forneciam temas e ilustrações. O Evangelho soava natural, autêntico e relevante, dentro de um contexto familiar. As pessoas mudavam de atitude apesar da brevidade de nossa experiência. Percebemos claramente que ficaram menos desencorajados e isolados e mais cheios de esperança, com a visão de uma ação comum. Vimos a força libertadora do Cristo ressurreto, atuando dentro das pessoas e dos grupos.

Descobrimos também que tínhamos muito a aprender e a receber. A experiência mais memorável que tivemos (e a mais educativa) foi a nossa visita às minas de cobre, onde os mineiros bolivianos trabalham sob condições desumanas: oito horas por dia, no sub-solo, diversos quilômetros dentro da montanha, poeira, gases explosivos e infiltrações. Sua ração diária consistia num pedaço de pão. As vezes nem sequer isso: apenas uma garrafa de chá fraco e algumas folhas de coca para mastigar. Sua expectativa de vida é de 32 anos, com oito ou dez anos de vida ativa, antes que a tuberculose e a sílicose destruam seus pulmões. Percorremos os túneis durante cinco

horas, falando com os mineiros, ouvindo seus comentários e críticas aos problemas do país, de Portugal, dos Estados Unidos ou da China.

Mais tarde fomos à reunião do sindicato mineiro, onde encontramos os homens que havíamos visto nas minas. Depois de longo dia de trabalho, iniciado às cinco da manhã, ali estavam para discutir democraticamente um pedido de apoio provindo dos estudantes universitários do país. Uma verdadeira escola de política! Mais tarde, conversamos com os líderes e ficamos espantados com a clareza de seus objetivos, sua solidariedade e desejo de trabalhar pelo futuro do país; estavam também perfeitamente conscientes de que as mudanças só viriam aos poucos e que eles talvez não estivessem mais ali para ver o fruto de seu trabalho. A esperança estava florescendo nos "túneis da morte".

Nós que estávamos proclamando o homem novo — aberto, crítico e comprometido com a vida — o encontramos ali, no meio daqueles homens que passavam o dia como toupeiras debaixo das montanhas da Bolívia e que não tinham a pretensão de se considerarem membros da Igreja. Só faltava o Nome. Tivemos de reconhecer que essa gente tinha mais de Cristo do que nós, que falávamos em seu nome. O mesmo aconteceu com o apóstolo Pedro, que aprendeu

as novas dimensões do Evangelho na experiência com Cornélio, o Gentio (Atos 10). Assim, descobrimos o verdadeiro significado do diálogo evangelístico.

"A Igreja deve compenetrar-se de que Cristo nos **precede** no ato de evangelização. Deus tem sempre testemunhas. A luz da Palavra ilumina a todo homem. O Espírito de Deus não respeita a ninguém. A graça de Deus não está limitada à Igreja.

Paralelamente à solidariedade no pecado, existe também uma solidariedade em Cristo, que se origina na Incarnação, Cruz e Ressurreição. Evangelizar é ajudar os homens a descobrirem o Cristo escondido neles e revelado no Evangelho. Todos os homens e valores humanos estão destinados a serem recapitulados em Cristo". (João 1:1-18; At. 10:17; 16-34; Rom. 5:12-21).

PRIORIDADES E ANTECIPAÇÕES

A Conferência de Bangkok afirmou que existem "prioridades e antecipações" no processo da salvação. Nos Estados Unidos, muitos cristãos leram o livro intitulado Fernão Capello Gaivotta, sobre uma gaivotta filósofa. No ano passado, na Bolívia foi publicado um livro sobre um condor, chamado Mallko. As duas obras refletem a natureza e filosofia de nossas respectivas sociedades. A gaivotta despreza o "rebanho faminto" que sobrevoa os pesqueiros, em busca de alimento, e diz "Voar é que é importante, e não comer". O jovem condor, fica órfão prematuramente, no seu ninho nos Andes, quando seus pais são capturados por camponeses e levados para um jardim zoológico: para ele, atormentado pela fome, comer é que era prioritário: Se fosse possível, depois voaria. Que conclusões tiramos

daí, em termos de prioridades e métodos de evangelização? O Evangelho pode ser apresentado da mesma forma a tipos diferentes de pessoas? Aos que comem demais, que já experimentaram tudo e fogem do tédio e do sexo através das drogas ou do suicídio, aos que estão famintos e lutam pela sobrevivência? Podemos usar métodos idênticos com os membros do American Country Club, com os jovens dos "villages" de Nova Iorque e com os moribundos das ruas de Calcutá? A quem precisamos dizer que "nem só de pão vive o homem"? Com quem precisamos crer pedindo "o pão nosso de cada dia"? Podemos continuar a encarar os homens como se fossem "almas com orelhas"? ou estômagos sem almas? Podemos anunciar da mesma forma o Evangelho ao opressor e ao oprimido, ao torturador e ao torturado? Em outras palavras, como podemos apresentar um Evangelho autêntico se ele não for simultaneamente fiel às Escrituras e a gente concreta, dentro de contextos concretos?

Algumas pessoas afirmam que precisamos retornar ao século XVI e nos preocuparmos exclusivamente com a "justificação pela fé", tal como foi formulada por Lutero. Precisamos lembrarnos de que aquela doutrina protestante fundamental não continha a totalidade da verdade cristã, mas fornecia uma chave para abrir a porta de acesso ao Evangelho, numa época em que vigorava um sistema absolutista entre Deus e o homem. Para Lutero, a justificação pela fé significava mais uma posição, do que um sistema definitivo de teologia.

Para sermos fiéis ao mesmo evangelho da justificação, ao grande Sim que Deus diz ao homem, parece-nos que devemos tomar lugar ao lado do homem que está lutando, sofrendo e

tentando esperança, geralmente “sem Deus e sem fé neste mundo”. Precisamos entender adequadamente que a **humanização** do homem não consiste na negação da transcendência, mas na afirmação do afetivo plano de Deus para com ele. Ela nada tem de herético e talvez seja o verdadeiro centro de nosso testemunho cristão, que se apóia naquilo que mudou o rumo da História: a Encarnação. O Sim que dizemos ao homem contemporâneo representa um pálido reflexo do Sim de “Deus para Nós”. A humanização é uma simples tradução daquilo que Barth chamou de “humanidade de Deus” ou daquelas comovedoras palavras expressas por Bonhoeffer em suas “Cartas da Prisão”, em que nos descreve como o cristão precisa viver no mundo: jogando-se nos braços de Deus, participando de seu sofrimento e vigiando com Cristo, no Getsêmani.

EVANGELIZAÇÃO CUSTOSA VULNERÁVEL

Afirmamos que o verdadeiro Evangelho é livre. Para parafrasearmos Bonhoeffer, em seu ensaio sobre a graça de Deus, acrescentaríamos que **é livre, mas não barato. O verdadeiro evangelho é muito caro.**

“A evangelização autêntica não se obtém facilmente; seu custo é muito alto. (...) Qual foi o preço que Jesus pagou pela evangelização? Qual foi o preço que os apóstolos pagaram? Talvez acreditemos que, atualmente, o preço pode baixar, graças

a uma circulação conveniente, eficiente e barata do evangelho... A evangelização evangélica requer um preço em sacrifício, transformações penosas e opções radicais. Exige, especialmente, uma opção em favor dos oprimidos, rejeitando-se a tentação de uma falsa neutralidade ou aliança aberta com os poderes opressivos. Não existe evangelização sem cruz”. (Mat. 10; Marc. 8:31-38; João 15:1-16:4).

Não se trata de problema de dinheiro ou de equipamento moderno e custoso, mas do envolvimento da vida, junto com o testemunho. A grande maioria dos 2.700 milhões de pessoas que não conhecem a Cristo vivem encerradas em sistemas ideológicos ou religiosos globais (ou fechados). Nos países “desenvolvidos” as pessoas vivem numa atmosfera onipresente de secularismo. Em muitos países do Terceiro Mundo, vive-se sob regimes repressivos, que não respeitam os direitos humanos, encarando como subversiva qualquer proclamação contextual ou profética do Evangelho. As vezes até mesmo as afirmações bíblicas mais assépticas são consideradas subversivas. Qual será o custo da evangelização nesses lugares?

Por isso mesmo, a **evangelização é irremediavelmente vulnerável**, visto que tem que ser pessoal, local e contextual.

“A pessoa que está testemunhando e sua respectiva comunidade fazem parte do mundo, estando, portanto, sujeitas ao julgamento e misericórdia de Deus. A Igreja se confronta com

a mesma Palavra com a qual pretende confrontar o mundo. Como o mundo, ela também precisa do ensinamento divino, que atua através da história. Deve, pois, estar alerta aos "sinais dos tempos", e ao diálogo com o mundo, através de seu trabalho evangelístico. Aquele que testemunha deve renunciar a qualquer pretensão de santidade (que não possui) e deve aceitar a plenitude de sua vulnerabilidade". (Jonas).

Era este o significado que D. T. Niles dava à palavra evangelização, quando a definia como "um mendigo que está dizendo a outro mendigo onde **ambos** podem encontrar o que comer". Isso é evangelização vulnerável

O Evangelho se assemelha ao maná: não pode ser guardado. Se não o repartirmos, nós o perderemos. Se não o usamos, ele se estraga. Como o pão, foi-nos dado para o uso quotidiano.

Precisamos tornar realidade estes fatos, para que nossas congregações pelo mundo todo possam se libertar de sua atual paralisia. Sua aparente humildade e reticência na comunicação do evangelho pode ser simplesmente infidelidade. "A crise que enfrentamos atualmente não é tanto uma crise de fé, mas uma crise de fidelidade". (Potter)

Sabemos todos que o lugar mais difícil para a evangelização é a nossa própria casa. Em casa, nós somos verdadeiramente conhecidos, por dentro e por

fora. Precisamos começar aceitando nossa vulnerabilidade. Ela prejudica a todos.

Muitas igrejas, especialmente as mais antigas, perderam o impeto evangelizador e parecem estar dominadas por um complexo de culpa. Estão parcial ou totalmente conscientes da sua fraqueza, do tipo de imagem que projetam através de suas construções, da composição social de suas comunidades e dos programas que realizam. Não se sentem dignas de comunicar o Evangelho e procuram, de todas as formas possíveis, uma "renovação" que nunca chega.

Só existe uma resposta evangélica para o complexo de culpa. "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras: e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas" (Apocalipse 2:5).

Já é tempo de reconhecermos que a renovação não se processa **antes** da missão, mas **durante** a missão. Não surgirá através de pesquisas e reflexões, feitas individualmente, mas através da ação prática, que inclui a reflexão paralela à ação e à oração. Não devemos ceder à tentação ou perfeccionismo. Temos que aceitar riscos, temos que nos comprometer com o Evangelho. No Novo Testamento a mulher de Samaria é uma missionária bem sucedida, apesar de sua pouca experiência e nenhum prestígio. No entanto, ela trouxe o povo todo para ouvir Jesus, depois de se ter perturbado com as perguntas e conversa do Senhor.

EVANGELIZAÇÃO, AQUI

Nestes últimos anos, cheguei a duas conclusões sobre evangelização. Primeira, existe apenas **um meio** para a comunicação do Evangelho: os cristãos e a comunidade cristã. Todos os outros "media" só podem ser instrumentos supérfluos ou de utilidade duvidosa. Segunda, a verdadeira evangelização é **livre**: passa de pessoa para pessoa, de comunidade para comunidade.

A palavra **comunicar** (do latim *commune*) significa partilhar, trocar, relacionar, viver em conjunto, participar, conversar, ter alguma coisa em comum. Do mesmo radical proveio **comunhão**, comuna, comunidade. É interessante descobrir que significa o mesmo que **koinonia**, no Novo Testamento. Este termo tanto se refere à comunhão com Cristo — a ponto de participarmos de sua paixão e morte — como à comunhão com o próximo, tanto em termos espirituais como materiais. Portanto **koinonia**, comunicação significa a própria vida da comunidade cristã, do ponto de vista interno e externo. De que forma poderá o Evangelho ser comunicado se não através de congregação cuja vida provém do Evangelho? Jesus não nos deixou apenas uma mensagem para ser publicada, mas também

uma comunidade com uma mensagem a ser partilhada. Portanto, a evangelização do Novo Testamento é a verdadeira **comunicação** de uma **comunidade** que clama por **comunhão** (RSV: *companheirismo*):

"O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantençais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo". (I João 1:3). A congregação é uma base estratégica para a evangelização do mundo, o centro transmissor da comunicação do Evangelho através da adoração, pregação, ensino, vida comunitária, ou vida e serviços prestados ao mundo no qual estamos. A tradição ortodoxa nos mostra como através de sua história, se manifestou o poder de irradiação da comunidade cristã, assim como o poder de atração de uma comunidade litúrgica.

Philip Potter afirmou que "A evangelização não é uma estratégia planejada por um Sínodo de Bispos, pelo Conselho Mundial de Igrejas ou por uma comunidade de evangélicos. Ela se realiza num determinado lugar, com um determinado número de pessoas ou grupos. Portanto, o fundamento da evangelização é a igreja local, todo o povo de Deus na sua comunidade, adorando, vivendo e trabalhando

Precisamos lembrar-nos de que a "justificação pela fé" em Lutero não continha a totalidade da verdade cristã, mas fornecia uma chave para abrir a porta de acesso ao Evangelho. Significava para Lutero mais uma posição do que um sistema teológico, definitivo.

num espírito de diálogo e de solidariedade". Emilio Castro acrescentou: "Precisamos recuperar a dimensão mundial do compromisso local, vendo nela uma forma de incorporarmos a fidelidade e experiências da congregação local ao impulso missionário total (...) Este é o verdadeiro fundamento e teste para nosa vocação missionária".

Ficamos, assim, tentados a inverter os termos da famosa frase de John Wesley, "O mundo é minha paróquia", para "minha paróquia é o mundo". Isso é uma realidade, em mais de um sentido, especialmente quando nos referimos ao mundo como a "uma vila global". Aprofundando esta frase, chegaremos a uma verdadeira filosofia da missão e da evangelização mundial.

Encontraremos o critério para se avaliar qualquer programa ou organização eclesiástica ou pára-eclesiástica: o que fazemos, ajuda ou prejudica o testemunho local da congregação cristã? Que tremendo desafio para nossas congregações: é um desafio à conversão, renovação, autenticidade, crescimento quantitativo e qualitativo. Faz-nos lembrar o tema de Bangkok "As igrejas renovadas na missão". Naquela ocasião fomos repetido que a congregação local representa um "meio áudio-visual" para a missão de Deus, podendo transformar-se

também numa "sabotagem" da missão de Deus.

Donald McGavran afirma o mesmo: "Muitas igrejas acham que é extremamente difícil, senão impossível, comunicar sua fé àqueles com os quais estão em contato diário. Muitas populações de não-cristãos recusam firmemente receber o Evangelho dos cristãos de suas localidades." Para se superar tal situação, algumas igrejas optam por "remover grades e fechaduras através de ênfase na solidariedade com os vizinhos não-cristãos, numa silenciosa presença cristã e no trabalho cooperativo objetivando alvos humanos comuns". Segundo o diretor do Instituto Pasadena para o Crescimento da Igreja, é uma posição correta a ser adotada, quando não existe nenhuma alternativa. Deduz-se daí, também, a necessidade de enviar missionários com outras culturas e de outras regiões.

Lendo cuidadosamente o Novo Testamento, veremos que toda essa troca de pessoas e grupos fazia parte da estratégia missionária de Paulo e era expressão natural da **Koinonia** existente entre as igrejas. Existem animais monocelulares e hermafroditas que se reproduzem através da mútua fertilização. Talvez tenhamos necessidade de um processo de "fertilização cruzada" entre congregações que se

tornaram estéreis. Será que estamos prontos para dedicar pessoal e recursos ao ministério mútuo entre as congregações, tal como fazemos com projetos de longo alcance e de pesquisa? Eis aqui outro desafio para nossas igrejas, organizações, concílios e o próprio CWME.

E SOBRE UNIVERSALIDADE?

Pode ser que tudo isso soe muito pessoal e local, modesto demais para um objetivo global, "para que o mundo creia". Parece tão pouco, perto dos 2.700 milhões de pessoas que nada sabem sobre Cristo! Realmente é pouco.

Não há dúvida de que o evangelho pertence ao mundo todo. Não é artigo de consumo exclusivo de qualquer comunidade religiosa. "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco, a mim me convém conduzi-las". (João 10:16). Ao comentar as declarações ambíguas de Caifás, o evangelista apresenta a solução para a missão universal de Cristo: "...profetizou que Jesus estava para morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus que andam dispersos". (João 11:51-52). Ao ser procurado por alguns gregos, Jesus declarou aos discípulos: "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo". (João 12:32).

O último mandamento é igualmente categórico, em todas as suas formas com relação ao alcance universal do Evangelho: "a todas as nações", "por todo o mundo", "a toda criatura", "até aos confins da terra" (Mat. 18:20; Marc. 16:15; João 20:21; At. 1:8).

Por outro lado, o tempo de Deus não é igual ao nosso. Ele escolheu seus próprios meios para fazer surgir uma perspectiva universal. O propósito de "fazer a todas as nações" se expressa de forma modesta através do chamado feito a um velho e sua família, para que deixasse Ur dos caldeus. Depois, veio o chamado feito a uma nação de escravos. Mais tarde, a um "remanescente" dentro daquela nação. E "na plenitude do tempo", Deus concentrou sua ação numa criança vulnerável, nascida numa estrebaria, no povoado mais modesto de uma nação, submetida ao maior império da história. O mistério da encarnação é o mistério do local: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". (João 11:4).

A missão tem caráter centrífugo e se inicia num lugar determinado: "Sereis minhas testemunhas, em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra". No entanto, quinze séculos se passaram antes que navios e marinheiros ousados deparassem com a parte do mundo chamada América e seus habitantes. Atualmente, multidões de seres humanos não

podem ser alcançados pelo trabalho missionário. Só Deus sabe quanto tempo mais ainda essa população continuará dependendo exclusivamente das pequenas sementes de cristianismo deixadas na China. Só ele sabe de que outros meios se servirá para efetuar sua missão.

Não devemos cair nem na resignação culpada nem no ativismo frenético. Precisamos saber orar a Deus e ter esperança nele, agindo de acordo com a força e sabedoria que ele nos der.

Sabemos apenas que recebemos uma ordem. E que o Evangelho deve ser partilhado. Sabemos que "o amor de Cristo nos constrange", que "ele é exigido de nós em termos absolutos" e que "não podemos deixar de contar o que vimos e ouvimos".

Muitos de nós estamos ouvindo os gritos agonizantes daqueles cujos direitos humanos estão sendo violados. Todo ser humano tem ou não tem o direito básico de conhecer os propósitos de Deus para sua vida, revelados em Jesus Cristo? Isso não está escrito em nenhuma carta de Direitos Humanos, mas está nas Escrituras e no coração de Deus, "o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade". (I Tim. 2:4).

"...todo homem, mulher, ou criança se tornam nossos credores: nós somos seus devedores. O Evangelho não é nada para ser possuído: é uma forma de servir. Ninguém pode nos despojar desse privilégio ou substituir-nos nessa responsabilidade. Daí provém a urgência da evangelização".

Nessa tarefa, somos impulsionados não somente pelo horror de um mundo sem Cristo, ou por sentimentos de gratidão e de obrigação, mas acima de tudo, pela certeza da intercessão onipotente daquele que está orando: "para que todos sejam um, para que o mundo creia".

A quem precisamos dizer que "nem só de pão vive o homem"? Com quem precisamos orar pedindo "o pão nosso de cada dia"? Podemos continuar a encarar os homens como se fossem "almas com orelhas"? ou estômagos sem almas? Podemos da mesma forma anunciar o Evangelho ao opressor e ao oprimido, ao torturador e ao torturado?

SALVAÇÃO HOJE

Mortimer Arias, até recentemente bispo metodista na Bolívia, traduz, em linguagem acessível a todos, o impacto permanente da Conferência promovida pela Comissão de Missão Mundial e Evangelismo (CWME) realizada em Bangcoque.

Cr\$ 20,00

DISCUSSÃO SOBRE IGREJA

Zwínglio M. Dias reuniu experiências pastorais e de púlpito num trabalho que recolhe reflexões teológicas sérias e sempre oportunas. Linguagem clara e objetiva que levanta questões de fé, ateísmo, Igreja, Fundamentos escriturísticos para o debate teológico de toda hora.

Cr\$ 15,00

UM PROFETA DA UNIDADE

J. Andrade Ferreira, num repasse biográfico de Erasmo — Braga, sábio e líder ecumênico — faz-nos redescobrir as personalidades que marcaram a história de um momento cristão brasileiro. Porque não podemos desligar-nos do passado completamente, devemos refletir sobre ele. Este livro ajuda muito.

Cr\$ 30,00

LIVROS

O ENIGMA DA RELIGIAO

Rubem Alves

169 pp — Cr\$ 25,00

Mostra o autor (após analisar as perspectivas marxistas, freudiana, comtiana e outras) como, contrariando essas e outras profecias, volta com força total o problema de Deus e da Religião. Enquanto o homem existir, ficará com ele a Religião como expressão de amor e de medo. O ser humano viverá para sempre entre deuses e demônios, símbolos de suas aspirações e temores.

O MUNDO DA BIBLIA

Josef Scharbert

256 pp — Cr\$ 35,00

Livro fartamente ilustrado, estuda a origem e o conteúdo de cada livro da Bíblia. Seriedade científica, mas linguagem compreensível a todos. Visa demonstrar como a própria Escritura está enraizada em, e influenciada pela história e cultura de sua época, assim, como influenciou a evolução dos povos ocidentais e inspirou muitos de seus artistas.

A FESTA DOS FOLIÕES

Harvey Cox

184 — pp — Cr\$ 25,00

O autor parte da descrição e interpretação de uma festa medieval (povo, baixo clero e a própria classe média, mascarados na rua, cantando, dançando, satirizando leis, costumes, poderes constituídos, virtudes e rituais pomposos da Igreja). Seu ensaio pretende demonstrar que, no fundo, somos homens da alegria (homo festivus). Não há motivo — diz — para os gozadores da vida não se engajarem em transformar a sociedade.

POR TRÁS DAS PALAVRAS

Carlos Mesters

288 pp — Cr\$ 25,00

Um estudo sobre a porta da entrada no mundo da Bíblia. Porta de uma introdução inteligente e acessível ao estudo das Sagradas Escrituras. Usando uma estória bem original, apresentada em pequenos quadros, o autor, com a clareza que lhe é peculiar, esmiúça coisas profundas da exegese e as traduz para qualquer leitor. É livro que vale possuir.

Em todas as livrarias do país, ou pelo Reembolso Postal: Rua Frei Luís, 100, Petrópolis, RJ; Filiais: Rio, S. Paulo, B. Horizonte, P. Alegre, Brasília. Representantes: Recife, Fortaleza.



EDITORA
VOZES

Rua Frei Luís, 100, Tel.: 42-5112
Caixa Postal 23. End. Telegr.: Vozes
25.600 Petrópolis, Estado do Rio
C.G.C. 31.127.301/0001
Inscr. Est. 39.030.164